

A large, gnarled tree with a thick trunk and dense green foliage stands in the center of a rural landscape. The background features rolling green hills under a blue sky with scattered white clouds. The image is framed by a green border with a subtle pattern of fine lines.

**Francisco Roberto
Caporal**

**Bases para uma Política
Nacional de
Formação de Extensionistas
Rurais**

Francisco Roberto Caporal

**Bases para uma Política Nacional de
Formação de Extensionistas Rurais**

**Brasília – DF
2009**

Diagramação: Claudiana Souza

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

A elaboração deste texto contou com a colaboração de:

Cássio Murilo Trovatto
Claudiana Gomes de Souza
Ladjane de Fátima Ramos Caporal
Maria Virgínia Aguiar
Roberta Maçada Lange Kutscher

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Bases para uma Política Nacional de Formação de Extensionistas
Rurais / Francisco Roberto Caporal
– Brasília : 2009.
55 p.; 29cm.

1. Formação de Agentes de Ater 2. Desenvolvimento Rural
Sustentável. 3. Agroecologia I. Caporal, Francisco Roberto

Bases para uma Política Nacional de Formação de Extensionistas Rurais

Apresentação

Este documento reúne algumas bases teóricas, conceituais e normativas visando a caminhada necessária para a construção de uma Política Nacional e de diretrizes que orientem a Formação de Extensionista Rurais a partir de um enfoque da “educação libertadora”. Não se trata de um texto definitivo e muito menos abrangente, como requer o tema. Trata-se de uma primeira aproximação a um assunto complexo e que, portanto, está sujeito a revisões, inclusões e melhorias que possam contribuir com os objetivos propostos: orientações para a Formação de Agentes de ater.

O que se almeja é que a Extensão Rural brasileira possa voltar a ter um referencial teórico e metodológico, construído de forma participativa, de modo que este documento pretende ser uma das bases para a formulação da Política, de Diretrizes e Programas para a Formação de profissionais que atuam em Extensão Rural. Por isso mesmo, a partir do momento em que este texto chegue a suas mãos, se espera poder contar com contribuições para aperfeiçoá-lo, seguindo a boa prática democrática que orientou a formulação e implementação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – Pnater.

Por outro lado, em respeito ao “pacto federativo” e seguindo o esforço de gestão democrática que vem sendo seguido pelo Dater, a presente proposta deve ser entendida como um convite ao debate, obviamente respeitando as particularidades e características de cada entidade e estado, sem, entretanto, perder de vista que é preciso que a Ater enfrente o desafio da qualificação permanente dos seus Agentes, desde o seu ingresso nas entidades e, posteriormente, ao longo de sua carreira profissional, através de um processo de formação continuada.

Este documento procura destacar um aspecto fundamental de qualquer estratégia de planejamento, o que inclui as ações de Formação de Agentes de Ater: é preciso ter um caminho claro. Ou seja: para quem não sabe para onde tem que ir, qualquer direção pode levar ao seu destino. Este não é, entretanto, o propósito de qualquer processo de Formação. Deve haver uma direção a ser percorrida no trabalho baseado na Pnater, a qual precisa ser evidenciada na práxis cotidiana dos Agentes. A Formação tem que ajudar a alcançar este propósito. Não se qualifica profissionais da Extensão por simples diletantismo, nem apenas para atender metas de projetos. A Formação deve ser entendida como um elemento fundamental para a ação extensionista e, neste sentido, para a melhoria da relação dialógica com aqueles (as) com quem o Agente de Ater deve atuar: agricultores e agricultoras familiares, com todas as diferenciações e especificidades que esta categoria genérica possa abranger.

Colocamos o tema para debate. Com a palavra os (as) extensionistas e suas organizações, os intelectuais da área, assim como aquelas pessoas que representam o universo da Agricultura Familiar brasileira, a quem a Formação de Agentes deve propiciar melhor apoio.

Brasília, fevereiro de 2009.

**Francisco Roberto Caporal
Coordenador Geral de Ater**

Sumário

1. Introdução.....	6
2. Fundamentos de uma Política de Formação de Agentes de Ater	8
3. Metodologia para uma estratégia de Formação democrática.....	10
4. A Formação como um processo dialógico.....	13
5. Novos desafios exigem novas posturas.....	18
6. Sobre o perfil dos profissionais: segundo a Pnater.....	20
7. Conclusão	22
8. Bibliografia consultada.....	24
Anexos.....	25

Bases para uma Política Nacional de Formação de Extensionistas Rurais

1. Introdução

Uma das iniciativas fundamentais para a qualificação da oferta de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural tem sido, historicamente, a Formação dos Agentes de Ater. A Formação se constitui, inclusive, em um diferencial importante entre entidades que oferecem serviços de Ater para a Agricultura Familiar: as que formam sistematicamente seus quadros e as que não o fazem. Como é sabido, ter um quadro de profissionais qualificados técnica e metodologicamente tem um custo adicional para as entidades e esta foi uma das razões pelas quais na criação do Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - PRONATER foi estabelecida uma Ação Orçamentária destinada a apoiar atividades de Formação de Agentes de Ater. No mesmo sentido, o Dater/SAF, criou uma Coordenação de Formação de Agentes, à qual está afeta a responsabilidade de contribuir com as instituições credenciadas pelo Dater nos processos de qualificação de seus técnicos.

A presente proposta, colocada para estimular o debate, visa contribuir para a superação dos gargalos existentes na Formação de Agentes. Ela não é a “invenção da roda”, até porque muitas entidades de Ater mantêm programas sólidos e institucionalizados de qualificação de servidores e podem até servir como exemplo neste sentido. Essa não é, entretanto, a realidade da maioria das entidades de Extensão Rural que estão implementando a Pnater.

Como já foi dito antes, não se trata de uma proposta acabada. Pelo contrário, o que se pretende é desafiar as entidades para que venham a estabelecer programas sólidos de **“Formação Inicial”**, com passos subseqüentes de “qualificação em serviço” e que isso possa vir a ser a semente de Políticas de Qualificação de Pessoal das entidades de Ater, incidindo, inclusive, sobre a progressividade das carreiras profissionais e oportunidades de participação em cursos de pós-graduação.

A capacitação dos extensionistas rurais tem sido uma prática histórica das instituições de Ater, governamentais e não governamentais. Nas entidades estatais, desde o início da institucionalização da Extensão Rural no Brasil, há 60 anos, a questão da qualificação profissional de extensionistas ocupou, sempre, um lugar de destaque. Ao longo de décadas, a alta rotatividade de profissionais da extensão rural oficial esteve associada a uma relativa melhor qualificação destes profissionais ante às exigências do mercado de trabalho. Por esta razão, muitas empresas, cooperativas, etc... preferiam contratar técnicos das entidades de Ater, já que os viam como técnicos que haviam acumulado conhecimentos adicionais e experiências novas, além do que tinham aprendido nos bancos da educação formal (curso médio ou superior). Independentemente de qualquer juízo de valor sobre o conteúdo da Formação, o fato é que os extensionistas rurais, em geral, sempre foram reconhecidos por este diferencial: a qualificação em serviço.

Por outro lado, a Formação sempre esteve associada aos objetivos prioritários da ação das instituições oficiais de Ater e, em particular, aos enfoques, programas e políticas de desenvolvimento de cada época, emanados dos diferentes governos ou, até mesmo, por orientação de programas de cooperação ou financiamentos internacionais. Não foi por acaso que, ao longo das décadas da Revolução Verde, a qualificação profissional dos extensionistas esteve baseada em metodologias difusionistas e tecnologias insumo-dependentes (aos pacotes tecnológicos da modernização conservadora da agricultura).

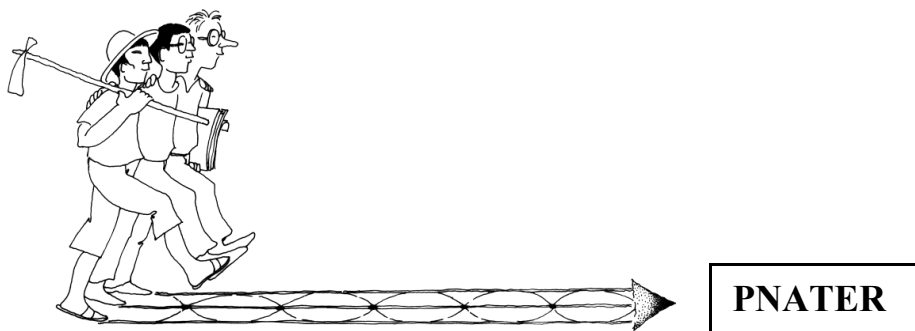
Foi somente a partir do chamado “repensar da extensão rural”, nos anos 80, que a Formação de Agentes de Ater passou a ser vista com novos olhos. Rompendo com o modelo meramente difusionista e mecanicista das práticas de transmissão de conhecimento aos Extensionistas que visavam apoiar o avanço da Revolução Verde, a EMBRATER realizou um amplo processo de discussão e incorporou reflexões internas e externas à instituição, passando a propor uma nova perspectiva para a formação de extensionistas. (EMBRATER, 1987).

Tendo como presidente o inesquecível Romeu Padilha de Figueiredo e contando com a ilustre figura do intelectual Odilo Friedrich (entre outros) na sua área de formação, a entidade maior da Extensão Rural Brasileira, deu um giro de 180 graus no seu enfoque de atuação na área, incorporando algo que – reconheça-se – nunca mais deixou de estar presente nos debates sobre Ater – a noção de “educação libertadora” de Paulo Freire, João Bosco Pinto, Diáz Bordenave e tantos outros seguidores.

Desde então, a formação de extensionistas, ainda que refém das tradições difusionistas, tecnicistas e à escola da transmissão de conhecimentos, vem sendo objeto de profundas mudanças ou, quando menos, profundas críticas e reflexões sobre o seu papel. Como escreveu Romeu Padilha, na sua época como Presidente da EMBRATER, *“Nenhuma renovação no Sistema será duradoura, todavia, se não se alicerçar em seus servidores, nas suas idéias e nas suas práticas.”* Ele mesmo recomendava, na apresentação do documento sobre Formação Extensionista: *“Ao trabalho, pois. Agindo e refletindo. Sem dogmatismos. Com coragem e pés no chão. Respeitando a realidade social. Com muito amor. Confiança. A causa é nobre, como nobres são a opção pelos pobres, o exercício democrático e a educação participativa.”* (EMBRATER, 1987: p.9-10)

Se em 1987 este já era um grande desafio para as instituições e Agentes de Ater, a tarefa de educação na extensão rural assumiu uma dimensão bastante mais complexa, ampla e profunda com o surgimento da Política Nacional de Ater, em 2003/04, pois se estabeleceram, a partir de então, novos paradigmas para orientar a ação extensionista e estes exigem novas estratégias e novas bases pedagógicas nas atividades de Formação, que possam se refletir na práxis dos Agentes. Os cinco Princípios norteadores da Pnater, a Missão e Objetivo, assim como a estratégia metodológica recomendada, que foram enunciados naquele documento (BRASIL, 2004), exigem inovação no enfoque de Formação de Agentes, sob pena de cristalizar-se uma esquizofrenia entre discurso e prática da Extensão Rural, isto é: fazer-se um discurso de participação, ao mesmo tempo em que as políticas, diretrizes e ações continuam fortalecendo um enfoque do tipo “top-down” (de cima para baixo).

Foi a partir destas reflexões que o DATER empreendeu, a partir de 2004, um amplo processo de Formação, que se iniciou com atividades de nivelamento conceitual, passou por eventos de formação mais ampla e focada em temas específicos e prioritários nas orientações da Pnater, além de outros que visaram atender demandas particulares dos próprios Agentes (que foram consultados, através de Esquetes realizadas pela Equipe de Formação do Dater). Mais de 9.000 extensionistas, de organizações governamentais e não governamentais, foram qualificados neste período, participando de algum dos eventos (ou em mais de um), incluindo quase 200 profissionais que participaram dos cursos de Especialização patrocinados pelo Dater.



Agora, pois, chegou o momento de solidificar as ações de Formação de Agentes de Ater, com os olhos no futuro. Este documento pretende contribuir para que a Ater tenha mais e mais Agentes comprometidos com o fortalecimento da agricultura familiar e preparados para uma ação tecnicamente qualificada, mas com uma intervenção dialógica e construtivista. Mais do que tudo, uma práxis democrática e de orientação libertadora, com foco no conceito de uma Extensão Rural Agroecológica.¹

Como poderá ser observado, há aspectos repetidos ao longo do texto, que visam reforçar idéias-chave, dada a importância que elas podem ter nos processos de Formação. Assim mesmo, foram inseridos box de texto visando realçar alguns elementos basilares da Formação, em diferentes aspectos.

Por último, se faz um breve esboço do que poderia vir a ser o perfil desejado do extensionista rural que deve atuar com base nos princípios da Pnater. Mais uma vez, a contribuição de todos será fundamental para que se aperfeiçoe o rol de características que devem ser presentes no do perfil dos extensionistas rurais.

2. Fundamentos de uma Política de Formação de Agentes de Ater

Já se gastou muita tinta neste país escrevendo sobre a Extensão Rural, sua história, sua institucionalização, sua trajetória e seus papéis históricos em distintas épocas do nosso desenvolvimento. Do mesmo modo, já abundam as críticas ao extensionismo “convencional”, entendido como um processo de persuasão para a adoção de tecnologias, isto é: uma extensão para a simples transmissão de conhecimentos ou transferência de inovações. Por isso mesmo, não cabe repetir tudo o que já se escreveu. Não teria o menor sentido.² Logo, vamos direto ao assunto que é foco deste documento.

Ao longo de nossa história, a educação no Brasil esteve orientada por diferentes teorias e escolas de pensamento, cada qual com seus princípios e processos pedagógicos e isto teve reflexos na prática formativa dos Agentes de Ater e por conseqüência no seu *que-fazer* educativo.³ Não obstante, dadas as orientações estratégicas das políticas de desenvolvimento e de desenvolvimento rural ainda hegemônicas, tanto a Formação profissional dos técnicos como a posterior) qualificação profissional em serviço, oferecidas pelas entidades de Ater, adotaram como orientação geral o enfoque da Formação para a transferência de tecnologias. A disciplina de Extensão Rural⁴, até hoje, na maioria das Universidades, continua sendo um momento de preparo dos formandos para o uso das chamadas “metodologias de extensão rural”, ou seja, ensinar o pacote de ferramentas destinadas a persuadir para a adoção.

¹ Sobre o conceito de Extensão Rural Agroecológica, ver: CAPORAL (1998).

² Em nossa opinião, os orientadores de dissertações e teses sobre Extensão Rural deveriam “proibir” seus alunos de voltar a repetir os mesmos chavões e as mesmas críticas que se reproduzem desde que Paulo Freire escreveu Extensão ou Comunicação? De lá para cá, pouco de novo surgiu e as reproduções e citações de mesmos autores já estão se tornando enfadonhas, por serem repetitivas e pela pouca criatividade crítica que apresentam.

³ Neste sentido recomendamos a leitura da Dissertação de Mestrado de Aliomar Arapiraca da Silva (1992). Ver, também: FÁVERO (2005)

⁴ Ver: CALLOU, et al (2008).

A educação, neste sentido, tem o educando como alguém que nada sabe e, por isso mesmo, se constitui na tarefa de transmitir, depositar conhecimentos em outrem, desde uma fonte do saber. Esta relação se reproduzirá no campo entre o extensionista e os agricultores e se traduzirá numa prática de transmissão de conhecimentos “de cima para baixo”, onde quem “sabe” (o extensionista) ensina a quem “não sabe” (o agricultor), num processo vertical, que Paulo Freire chamou de “domesticação” ou “educação bancária” – por suas características e processos. Esta “lógica”, cuja vigência vem sendo questionada, tem dado lugar a outras perspectivas e enfoques que parecem ser mais adequados a um ambiente de ação democrática, como se propõe a Extensão Rural deste novo século.

Ao contrário do enfoque da “educação bancária”, FREIRE (1977: p. 25) nos advertia que *“educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até a ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – e por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.”*

Ou seja, a lógica convencional, que coloca o educando como “objeto”, deve dar lugar a um processo construtivista (a partir de temas-chave, geradores) no qual educando-educador e educador-educando são, ambos, sujeitos de um processo dialógico de construção de conhecimentos e de aprendizagem, mediado pela realidade concreta. Ou, como reforça Paulo Freire (1977: p. 89): *“a capacitação técnica, que não é um processo de adestramento animal, jamais pode estar dissociada das condições existenciais dos camponeses (ou dos extensionistas, neste caso) de sua visão cultural, de suas crenças.”* Esta visão implicará, inclusive, na postura esperada dos instrutores/facilitadores que vierem a contribuir nas atividades de Formação de extensionistas, como veremos mais adiante.

Assim, a Formação de Agentes de Ater na perspectiva da Pnater necessita adotar novos princípios, enfoques pedagógicos e metodologias. Os desafios da Formação em serviço, além do necessário rompimento com a trajetória da educação formal dos profissionais que ingressam na Ater (momento de desconstrução), incluem a necessidade de um aporte de conhecimentos metodológicos que propicie a reflexão por parte dos extensionistas sobre e a partir da realidade concreta onde vão atuar ou já atuam. Ademais, a Formação requer a introdução de debates sobre temas atuais como o imperativo socioambiental, a equidade social, as relações desiguais de gênero, a diversidade sociocultural, que devem permear as estratégias de desenvolvimento sustentável.



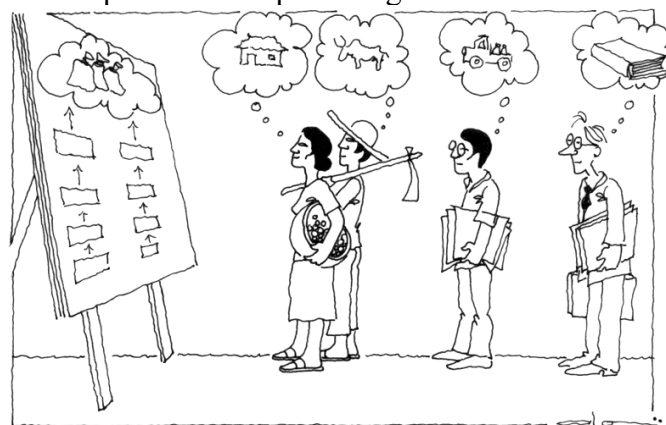
Resumindo. A Formação de extensionistas deverá respeitar alguns pressupostos básicos, entre os quais cabe destacar:

- Propiciar a leitura da realidade dos grupos sociais que se constituem em foco da intervenção extensionista, a leitura das externalidades indesejáveis geradas pelas estratégias convencionais de desenvolvimento (e do produtivismo na agricultura), dos impactos sócio-ambientais negativos, associados ao crescimento econômico ilimitado e às tecnologias da Revolução Verde.
- Contribuir para que o agente de Ater desenvolva (ou aperfeiçoe) uma postura participativa e acumule conhecimentos sobre formas de atuar que respeitem e incorporem os conhecimentos e saberes das pessoas com as quais o extensionista vai interagir. Que se prepare para compreender e respeitar as diferentes características e condições sócio-econômicas, culturais, étnicas, de gênero e de geração presentes no conjunto da agricultura familiar.
- Abrir portas para que possa compreender que sua atividade não é uma prática neutra, mas uma ação educativa libertadora, que deve buscar a transformação social e a melhoria das condições de vida das pessoas com as quais interage na tarefa extensionista.
- Oportunizar acesso a informações detalhadas sobre políticas públicas que incidem ou podem incidir no ambiente em que vai atuar, permitindo uma análise crítica das mesmas e, ao mesmo tempo, oferecer ferramentas para que esta análise possa ser feita de forma coletiva por parte das pessoas com quem atua.
- Estimular o desenvolvimento de habilidades técnicas e novas formas de entender as tecnologias, diante de situações concretas, de modo a contribuir para a avaliação crítica e consciente por parte de possíveis adotadores.
- Desenvolver habilidades para estimular a participação, a construção de conhecimentos e a aprendizagem de modo que os coletivos com que venha a atuar sejam animados a avaliar diferentes oportunidades e eleger as melhores soluções para os seus problemas concretos.
- Propiciar o desenvolvimento de uma visão holística e sistêmica, a compreensão de análises do todo, partindo do concreto para o abstrato, do que se vê e está explícito para o que está oculto (ou não percebido), buscando as causas dos problemas técnicos, sociais, políticos e econômicos sobre os quais deverá (deverão – no caso do coletivo) atuar e não apenas as consequências dos mesmos.

3. Metodologia para uma estratégia de Formação democrática

Para evitar a dicotomia entre o que se prega e o que se faz na prática da Extensão Rural, os professores que atuam em Formação de extensionistas deverão respeitar princípios democráticos e primar por métodos participativos.

A análise crítica da realidade dos grupos sociais, que Paulo Freire chamou de problematização, a partir de uma visão holística e sistêmica, deverá dar sustentação aos conteúdos e processos de Formação. Sem demagogia, sem “basismo”, sem menosprezar o acúmulo de conhecimentos da sociedade e sem dogmatizar a participação, a Formação deve propiciar uma aprendizagem efetiva de como atuar estimulando a participação. Portanto, desde o início, os eventos de Formação devem propiciar atividades práticas e exercícios, além de utilizar e oferecer ferramentas de facilitação de processos, de compreensão da realidade e espaços de decisão por parte das pessoas envolvidas no processo de aprendizagem.



Neste sentido, o conhecimento técnico não será menos importante, ainda que deva ser aprofundado e aperfeiçoado não a partir da mera repetição e cópia decorada de receitas prontas, mas a partir de reflexões sobre a vida e o mundo real e respeitando os conhecimentos dos educandos. O lugar e papel das tecnologias, seja nos processos produtivos ou nas dinâmicas de desenvolvimento rural, devem ser observados e destacados, visando a não alienação dos sujeitos. As metodologias para os eventos de aperfeiçoamento técnico devem propiciar meios para a reflexão sobre porque tais e quais processos ou tecnologias poderão ser substituídos, incorporados, melhorados e o que eles representarão para a de vida das pessoas envolvidas, na visão delas e não apenas na do técnico. Que aspirações atendem ou podem vir a atender determinadas tecnologias e processos e o que mudam na vida das pessoas? Esta é uma pergunta-chave e básica para orientar reflexões mediadas pela realidade.

Box 1:

Vejamus este exemplo: *“Se, antes, cortar uma árvore, fazê-la em pedaços, transformá-la em tábuas e construir mesas e cadeiras podia significar algo pouco mais além do que o trabalho físico mesmo, agora, na ‘re-admiração’, estes atos ganham a significação verdadeira que devem ter: a de práxis. A mesa e as cadeiras já não serão nunca mais simplesmente mesa e cadeiras. São algo mais: são produtos de seu trabalho. Aprender a fazê-las melhor, se for o caso, deveria começar por esta descoberta.”* (Freire, 1997; 90)

Logo, a qualificação técnica dos extensionistas deve permitir que eles aprendam a “desafiar os camponeses, cada vez mais, no sentido de que penetrem na significação do conteúdo temático...” (Freire, 1997; 90). E, para que possa aprender a fazê-lo, sua própria Formação deve oportunizar aprendizagem, a partir da prática, de metodologias participativas, ou como ensina CHAMBERS (1994), *Metodologias de Aprendizagem e Ação Participativa*. Ao mesmo tempo, as metodologias devem propiciar formas de reflexão e aprendizagem que levem os extensionistas a desafiar-se quanto a seus próprios conhecimentos: para aprender mais, a partir dos saberes daqueles com quem está interagindo.

Assim, quando se está qualificando extensionistas numa perspectiva tecnológica é preciso entender que “não é possível ensinar técnicas sem problematizar toda a estrutura em que se darão estas técnicas”, por isso mesmo se torna fundamental uma visão sistêmica e holística da realidade. Os conteúdos técnicos devem adquirir significado, não por eles mesmos, mas pelo que podem *vir-a-ser* no contexto de uma ação transformadora.

Box 2:

Segundo ensina Paulo Freire (1997; 85), quando se vai tratar o tema do plantio, por exemplo, *“...a semeadura, passa a ser apreendida, criticamente, como parte de uma realidade processual maior. E, por isso mesmo, em relação direta, não somente com outros aspectos desta realidade processual, mas também com fenômenos de ordem natural e cultural.”*, ou de ordem estrutural, acrescentamos. Assim, a semeadura tanto está associada às condições da terra – boas ou más -, às condições meteorológicas, ao tempo determinado para realizá-la, ao estado – bom ou mau – das sementes, quanto às técnicas usadas e às crenças mágicas dos camponeses. Como, também, à posse da terra.” Ou, não esqueçamos, ao processo de dominação, dependência e/ou libertação que podem levar certas sementes e suas tecnologias associadas.

Isto posto, as atividades de Formação de Agentes de Ater deverão observar um conjunto de requisitos, entre os quais podem ser destacados:

Todos os eventos devem ser precedidos de uma reflexão sobre a realidade na qual o grupo social atendido pela extensão está inserido onde irão atuar os extensionistas que participarão da formação e, sempre que possível, os conteúdos devem ser elaborados a partir de uma prospecção da demanda.

No caso de cursos, estes devem contar com um coordenador “pedagógico”, a quem caberá o acompanhamento de todo o evento e a integração entre temas ao longo do período de suas realizações. A ele caberá orientar os instrutores/facilitadores no sentido de que os diferentes

temas ou conteúdos sejam integrados, buscando, dentro de uma visão holística (compreensão macro dos temas em estudo), assim como a complementaridade entre temas e evitando a dispersão recorrente dos enfoques disciplinares. Ao mesmo tempo, deverá estar disponível para colaborar no esclarecimento de eventuais dúvidas dos cursandos, para apoiá-los em todas as suas necessidades de aprendizagem e para animar a integração do grupo.

No caso de outras atividades de Formação, como viagens de intercâmbio ou similares, deverá haver um acompanhamento “pedagógico” desde a preparação até a avaliação final. Neste caso, o processo de aprendizagem deve ser estimulado a partir da problematização do que for visto. Considerando a complexidade da realidade vivida pelos extensionistas no seu cotidiano, é importante que as disciplinas (temas/assuntos) não sejam apresentadas de forma estanque e isoladas das demais. Devem levar em conta, inclusive, os temas transversais, que permeiam os diferentes conteúdos abordados (ex: gênero, geração, Agroecologia, participação). Assim mesmo, é fundamental que os instrutores/facilitadores estejam habilitados para uma abordagem que dê conta de observar as diversas dimensões dos processos de desenvolvimento sustentável: econômica, ambiental, social, política, cultural e **ética**.

A atividade dos instrutores/facilitadores deve primar pelo esforço de interação com os cursandos. Para isso, é importante que os conteúdos abordados partam sempre das experiências vividas (e conhecidas) pelos educandos. Sempre que possível, fazer um caminho na seqüência prática-teoria-prática, estimulando a que os participantes aprendam a exercitar um processo de ação-reflexão-ação, para que este enfoque venha a ser adotado na sua práxis cotidiana.

No caso de cursos, estes deverão ser organizados, sempre que possível, em módulos. A atividade modular deve ser organizada de modo a permitir um período de reflexão e prática, nos intervalos entre atividades presenciais. Os educandos devem ser orientados (por roteiros e/ou perguntas-chave) a coletar informações relevantes que possam servir de temas geradores ou para a formulação de análises que contribuam para a etapa presencial seguinte.

No caso de eventos que envolvam conteúdos de metodologias de Aprendizagem e Ação Participativa, é fundamental que sejam organizadas atividades práticas, individuais e/ou grupais, visando o exercício sobre o uso das ferramentas e decodificação (interpretação) dos achados.

Os eventos de Formação devem propiciar uma oportunidade para o exercício da criatividade e da reflexão crítica. Para isso, os facilitadores/instrutores deverão estimular a participação e a manifestação de conhecimentos e habilidades presentes entre os participantes do curso.

Box 3:

“O que quero dizer, é o seguinte: constitui uma enorme contradição, uma clamorosa incoerência, uma prática educativa que se pretende progressista, porém que se realiza dentro dos modelos, de tal maneira, rígidos, verticais, nos quais não há lugar para a mínima posição de dúvida, de curiosidade, de crítica, de sugestão, de presença viva, de voz,... de professores e professoras que devem estar submissos aos pacotes; dos educandos, cujo direito se resume ao dever de estudar sem indagar, sem duvidar, submissos aos professores; ...” (Freire; 1994: 92)

Por último, é importante reprimir que os processos de Formação devem avançar para uma perspectiva totalizadora, que permita uma educação vinculada e integrada à complexidade do mundo real e, por isto mesmo, que rompa com a visão parcial dos pacotes, dos produtos, dos cultivos, das criações, das sementes, da prática do artesanato, das atividades de preparo e armazenamento de produtos, como coisas isoladas. O enfoque sistêmico, a visão do todo, são decisivos se se deseja entender e ajudar a compreender que uma família, uma unidade produtiva, um agroecossistema manejado, e assim por diante, não são coisas isoladas, mas fazem parte de um complexo maior: uma comunidade, uma sociedade, um bioma, onde relações sociais e ecológicas se confundem e se mesclam, interacionam entre si e se desdobram

de formas distintas em razão das condições objetivas: políticas, culturais e econômicas que incidem sobre elas, ou mesmo, em razão da visão de mundo que orienta cada grupo social.

Box 4:

Importante: Os processos de Formação devem caminhar para o estabelecimento de conteúdos e abordagens transdisciplinares⁵. A lógica disciplinar – fragmentada, cartesiana - deve dar lugar a uma compreensão integradora dos processos sociais; dar lugar a uma lógica que permita o estabelecimento de nexos entre os diferentes conteúdos e dimensões da realidade e nas diferentes formas como se relacionam estas partes ou elementos do todo complexo que é a realidade rural (e as inter-relações entre elas). Neste sentido, é fundamental partir da construção de evidências empíricas que permitam levar a uma visão sistêmica e holística da realidade, introduzindo, então, uma reflexão humanista (lembrando, sempre, que a Extensão Rural é um trabalho com pessoas), que dê sentido às estratégias de desenvolvimento a serem perseguidas. Só assim teremos uma metodologia de Formação coerente com os princípios da democracia e da participação.

4. A Formação como um processo dialógico

Considerando que a realidade é dinâmica, que o desenvolvimento de tecnologias e processos inovadores não pára e que as necessidades e interesses do público da Ater são cambiantes e se referem as situações específicas, é necessário que a Formação de Agentes de Ater respondam a estas condições. Deste modo, não haverá um curso de Formação, mas um **processo** de Formação continuada, que permita um permanente aperfeiçoamento e acúmulo de conhecimentos, de modo que as inovações tecnológicas, as novas alternativas técnicas desenvolvidas e as práticas identificadas e incorporadas a partir do conhecimento popular (dos atores sociais), possam ser objeto de permanente socialização entre os extensionistas.

Não é menos importante afirmar que o conhecimento técnico é decisivo para contribuir nos processos de mudança, sempre e quando respeitem os demais conhecimentos. Cabe ao técnico da Extensão Rural, nas construções coletivas de alternativas para solução de problemas dos cultivos e criações, por exemplo, oferecer aos agricultores um conjunto de opções possíveis, técnicas ou não técnicas, sem usar os tradicionais mecanismos de persuasão ou de imposição. Neste sentido, é importante que o técnico identifique com os agricultores quais as suas propostas de solução para determinados problemas, criando um espaço de diálogo sobre uma situação concreta. No caso de experiências de transição agroecológica, o saber dos camponeses é muito importante, mas o conhecimento técnico é, também, fundamental. Ao contrário da situação simplista da difusão de pacotes tecnológicos, nas atividades que requeiram princípios da Agroecologia, o profissional deverá ter um domínio profundo de Ecologia e relações ecológicas. Ao mesmo tempo, deverá estar preparado para conhecer e dialogar com o saber popular sobre as relações ecológicas presentes num dado agroecossistema. Um técnico, sem conhecimento profundo das condições ecológicas dos agroecossistemas onde atua não poderá contribuir muito para uma transição agroecológica. Isto tem sido observado no cotidiano e precisa ser enfrentado nos processos de Formação.

Por isso tudo, a Formação deve ser trabalhada pelas instituições de Ater como um processo de educação continuada e permanente, que assume significativa relevância, na medida em cria e recria a concepção metodológica que embasa a qualificação profissional, gerando aprendizados e visando incorporar, a cada momento, os novos conhecimentos exigidos pela realidade a ser trabalhada pelo extensionista, buscando sempre um maior aprofundamento teórico-prático.

Mas não é só isto. As mudanças organizacionais, a incorporação de novas tecnologias e novos processos (informática, novos softwares e aplicativos, novos métodos de trabalho e/ou avaliação, novos procedimentos administrativos, etc...) exigem atualizações e capacitações

⁵ Segundo FLEITES, et. al. (2004): A transdisciplinaridade é um esforço para fugir dos marcos das abordagens por somatório, por colaboração de disciplinas que conservam, de toda a forma, sua relativa autonomia, para propor um enfoque onde se fundem os saberes, se eliminam os limites e se desenham processos de pesquisa (e aprendizagem) apropriados para a leitura da realidade desde um ponto de vista mais amplo que o enfoque disciplinar.

específicas, que deverão ser contempladas como atividades próprias dos programas de Formação.

Assim entendida, a Formação de Agentes deverá contemplar etapas ou momentos específicos, que começam com a Formação Inicial e tem seguimento ao longo da história profissional do Agente, sempre que possível, chegando a superar a qualificação profissional em serviço baseada em cursos de curta duração, para chegar a oportunizar cursos de Pós-Graduação em nível de Especialização, Mestrado e Doutorado, visando qualificar quadros para fortalecer o trabalho da Extensão Rural.

4.1. A Formação Inicial

Entre as iniciativas fundamentais para fortalecer uma “boa” ação de Ater está a chamada Formação Inicial. Entende-se como Formação Inicial a etapa dedicada a introduzir os novos extensionistas no *que-fazer* da Extensão Rural. Esta etapa poderá ter diferenças entre organizações governamentais e não governamentais, assim como conteúdos adaptados para as realidades objetivas de cada instituição, bioma, lugar de trabalho, público específico, etc. Entretanto, há um conjunto de conteúdos que precisam ser observados e levados em conta na hora de programar eventos de Formação Inicial, como sugerido no programa em anexo.

Por outro lado, a Formação Inicial tem como objetivo despertar os novos servidores da Ater para o ambiente de trabalho, destacando as responsabilidades e compromissos que o serviço de Extensão Rural deve ter com a sociedade e, ao mesmo tempo, informar aos novos profissionais da Extensão sobre o funcionamento da sua entidade, sobre os programas/projetos prioritários, sobre as políticas públicas em vigor, bem como sobre direitos e deveres que eles, como trabalhadores de uma dada entidade de Ater, devem conhecer, seja no setor estatal, seja nas organizações não-governamentais.

Além de ter sido uma prática normal das agências de Ater desde o seu início (não foi por outra razão que se criaram os Centros de Capacitação de extensionistas, em todo o país, desde a década dos 60), com o advento da Política Nacional de Ater – Pnater, em 2004, ficou muito mais evidenciada a necessidade da Formação Inicial, até porque, como já foi diagnosticado⁶, as Escolas e Universidades não estão formando os profissionais com o perfil exigido para os novos tempos e novos desafios apresentados para os serviços de Ater destinados ao fortalecimento da Agricultura Familiar.

A Formação Inicial cumpre este papel básico e indispensável, embora não possa ser uma etapa estanque e isolada do processo continuado de qualificação profissional de Agentes. Ao contrário, a prática extensionista, pelas exigências particulares para uma atuação qualificada, exige que os Agentes estejam permanentemente atualizados, informados e capacitados para uma ação democrática e participativa, de modo que possam contribuir com as famílias rurais nos seus processos de tomada de decisão sobre gestão, mudança da base técnica, ou com o estabelecimento de estratégias. Assim mesmo, esta qualificação deve permitir uma práxis comprometida com as comunidades, seja no diagnóstico sobre a realidade, seja no estabelecimento de seus itinerários e planos de desenvolvimento.

Mas, reafirme-se, a Formação de Extensionistas não pode parar na Formação Inicial. Uma boa entidade de Ater precisa manter um **programa continuado** de qualificação profissional em serviço, que contribua para a permanente atualização sobre políticas públicas e situações conjunturais que implicam no desenvolvimento rural, como, também, nas questões técnicas fundamentais para o exercício da ação extensionista - em determinada área/setor - com suas características agroecossistêmicas e diversidade de valores culturais e visões de mundo com que o extensionista precisa interagir. Não menos importante, é a necessidade de permanente

⁶ Ver: CALLOU, et all (2008).

qualificação exigida pelas mudanças rápidas que ocorrem na nossa época, assim como pelos novos e permanentes desafios do imperativo sócio-ambiental do desenvolvimento sustentável, que todos buscamos.

Resumindo: é fundamental e indispensável que as entidades de Ater tenham, institucionalizado, um Programa de Capacitação de seus quadros, que deve contemplar etapas distintas, com objetivos diferentes, mas complementares, e que deve começar com a Formação Inicial e encaminhar-se para a oferta de formação em nível de Pós-Graduação.

Box 5:

Importante: Dadas as necessidades objetivas de cada entidade/estado e diante da insuficiência da Formação profissional para o exercício da atividade de extensionista, com base na Pnater, o Dater elaborou um programa mínimo (adaptável), que procura dar conta dos principais desafios em termos de capacitação dos técnicos de Ater. Trata-se de um programa amplo, que procura incorporar elementos da Pedagogia da Alternância, de forma a tornar mais efetivo e mais factível o esforço de qualificação pretendido. Por um lado, pedagogicamente, parece ser oportuno que os novos Agentes de Ater (e vale para muitos que já ingressaram e não tiveram esta oportunidade), tenham a possibilidade de, ao ingressar na instituição, receber uma Formação articulada com um primeiro exercício de sua ação. Como sabemos, a atividade de extensão rural é uma “práxis” - ação-teoria-reflexão-ação (realidade-teoria-realidade), de modo que a Formação Inicial deve privilegiar a oportunidade de mesclar momentos de aula (teorias e exercícios) com momentos de comunidade – extensionista em aprendizagem no campo. Deste modo, a proposta está estruturada em Módulos, permitindo sua adaptação às condições locais (inclusive financeiras de cada entidade).

Os Módulos pretendem oportunizar uma coerência na aprendizagem, partindo de enfoques mais abrangentes para chegar aos conteúdos mais práticos-operativos-cotidianos, sem perder de vista que alguns aspectos metodológicos da aprendizagem já devem fazer parte da prática educativa dos facilitadores/instrutores no exercício dos conteúdos trabalhados nos cursos – buscando coerência entre o que é preconizado como metodologia da ação de Ater e o que se pratica em sala ou atividade de campo nos processos de formação. No conjunto, os Módulos iniciais abarcam as teorias que dão sustentação aos projetos/programas de desenvolvimento, introduzindo uma visão crítica e propondo o contra-ponto com a realidade conhecida pelo Agente em treinamento. Seguem com abordagens metodológicas – considerando que a da ação extensionista deve ocorrer a partir de metodologias participativas - focadas em ferramentas que poderão ser adaptadas pelos Agentes. As Políticas Públicas de fortalecimento da Agricultura Familiar são introduzidas, então, como meios para favorecer estratégias previamente definidas nos itinerários de desenvolvimento de famílias e comunidades. Isto é: o crédito e outras políticas não podem ser vistas como um fim, mas como formas, ferramentas, programas, para ajudar a realizar desejos e necessidades objetivas e previamente planejadas.

Por fim, o curso se propõe a contribuir para que os Agentes tenham uma noção básica e um mínimo exercício sobre planejamento participativo, conhecimento de conceitos básicos de sistemas⁷, de redes, etc..., assim como algumas estratégias de atuação como as Redes Temáticas.

A Equipe de Formação do DATER/SAF elaborou um Programa anexo, com diferentes módulos, permitindo vislumbrar um mínimo de conteúdos, mas, ao mesmo tempo, deixar

⁷ A palavra sistema permite diversas interpretações. Para efeitos de análise, neste artigo "um sistema é definido como um conjunto de componentes inter-relacionados e organizados dentro de uma estrutura autônoma, operando de acordo com objetivos determinados". Entretanto, mais importante do que a própria definição, são os princípios que o conceito de sistemas enfatiza, dentre os quais destacam-se os seguintes (Capra, 1996): a) Visão do todo: A abordagem sistêmica visa o estudo do desempenho total de sistemas, ao invés de se concentrar isoladamente nas partes. b) Interação e autonomia: Sistemas são sensíveis ao meio ambiente com o qual eles interagem, o qual é geralmente variável, dinâmico e imprevisível. A fronteira do sistema estabelece os limites da autonomia interna, a interação entre os componentes do sistema e a relação deste com o ambiente. c) Organização e objetivos: Em um sistema imperfeitamente organizado, mesmo que cada parte opere o melhor possível em relação aos seus objetivos específicos, os objetivos do sistema como um todo dificilmente serão alcançados. d) Complexidade: Este enfoque parte do princípio de que, devido a interações entre os componentes e entre o meio ambiente e o sistema como um todo, este é bem mais complexo e mais compreensivo do que a soma das partes individuais. e) Níveis: Sistemas podem ser entendidos em diversos níveis, como, por exemplo, uma célula, uma folha, um animal, uma propriedade, uma região, o planeta e assim por diante. Um sistema em determinado nível pode ser entendido como um subsistema de outro nível. PINHEIRO (2000) Este é o caso das unidades familiares de produção. Podem ser vistas como um sistema, composto de subsistemas de produção, áreas de preservação ambiental, etc, ou como um subsistema dentro de um agroecossistema maior, por exemplo.

abertas as portas para a criatividade e adequação, em função das necessidades de cada entidade ou do perfil de entrada dos extensionistas que serão capacitados.

O Programa de Formação Inicial, que está sendo proposto para discussão e construção, foi desenhado para ser realizado em cinco Módulos presenciais (teoria e prática), buscando coerência com o que foi enunciado acima, do ponto de vista metodológico. As etapas presenciais devem ser intercaladas com atividades de campo e os conteúdos teóricos devem ser acompanhados de atividades práticas (sempre que possível).

Box 6:

ANTES DE IR ADIANTE !!!

DÊ UMA OLHADA NA PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO INICIAL QUE ESTÁ EM ANEXO. VERIFIQUE SE ELA SERVE PARA A SUA REALIDADE. FAÇA ADAPTAÇÕES. MODIFIQUE. APERFEIÇOE.

LEMBRE-SE: A DINÂMICA METODOLÓGICA DA FORMAÇÃO DEVE SER ENTENDIDA COMO UM PROCESSO EM PERMANENTE ADEQUAÇÃO NO QUAL PARTICIPAM EDUCADORES E EDUCANDOS.

Box 7:

Observações importantes sobre a Capacitação Inicial:

Material Didático

É fundamental que as exposições orais e outras atividades sejam subsidiadas com material didático que possa permitir o acompanhamento e aprofundamento dos temas. Deste modo, os participantes deverão receber, previamente aos cursos (ou módulos de cursos), os textos correspondentes a cada conteúdo, devendo ler cada material, fazer interpretação e/ou responder perguntas orientadoras que devem ser preparadas pelos facilitadores/instrutores (ou pelo coordenador pedagógico) e distribuídas em seu devido momento. Poderão ser usados textos teóricos, cartilhas, leis e documentação relativa a políticas públicas/programas, etc. Ao término de cada módulo presencial os cursandos devem receber o material didático do módulo seguinte com a tarefa a ser cumprida e apresentada no próximo momento presencial.

Tamanho e formação das turmas

É recomendável que as turmas não excedam a 30 participantes. O número de participantes influi na dinâmica e na participação, e é um elemento chave para a realização de atividades práticas a serem realizadas durante os módulos presenciais, nas comunidades. Se for o caso, podem ser organizadas turmas diferentes com cursos que acontecem concomitantemente, de modo a aproveitar a presença de colaboradores externos.

4.2. A Formação Continuada e Específica

Como pode ser observado, na seqüência do programa de Formação Inicial, deveriam suceder-se eventos de capacitação específica, desenhados em função das necessidades levantadas a cada momento. É bem possível que estes cursos exijam a divisão dos técnicos em pequenos grupos, de acordo com os biomas onde atuam, a situação socioeconômica e cultural dos públicos, os conteúdos técnicos específicos (e/ou prioritários) para uma determinada área/comunidade. Isto é importante, pois ajudará a que o evento tenha um foco claro e os extensionista participantes possam interagir melhor e trocar conhecimentos entre si.

Já foi enfatizado, anteriormente, que os conteúdos destes cursos devem ser estabelecidos a partir de uma prospecção de demanda (ou seja: os extensionistas precisam ser escutados sobre suas necessidades de Formação). Em alguns casos, é óbvio, os conteúdos serão determinados pelas instituições, em função de suas mudanças organizacionais, novas iniciativas, prioridades e demandas internas ou externas, para a incorporação de inovações, etc.

Box 8:

Atenção: Para manter coerência com os conteúdos da Formação Inicial, a qualificação técnica não deve ser baseada em pacotes tecnológicos por produtos (cultivos e criações), mas sim no estabelecimento de formas de capacitação que priorizem o enfoque sistêmico. De uma forma prática, deve-se organizar a capacitação a partir das cadeias e arranjos produtivos prioritários, mas tendo o conteúdo dos cursos montado a partir da lógica das unidades familiares, com ênfase na diversificação, na pluriatividade, na produção de subsistência (segurança alimentar) e de excedentes e na necessária integração entre atividades. Isto é: mesmo quando o milho (por exemplo) for o principal produto que oferece ingresso de renda monetária via mercados, é importante que a capacitação leve em conta não só a tecnologia de produção de milho em bases ecologicamente sustentáveis, mas vendo o cultivo deste cereal como um subsistema de produção entre outros já presentes (ou que podem ser incorporados) nas unidades familiares, além de suas articulações e complementaridades entre estes subsistemas. Exemplo: cultivos consorciados, integração pecuária-agricultura, plantas melhoradoras, atividades de conservação dos solos e água, áreas de preservação, corredores ecológicos, que exigem uma visão de conjunto da unidade familiar.

Esquemáticamente, a idéia central é que deve haver uma articulação da qualificação tecnológica específica, a partir de uma visão holística das atividades das Unidades Familiares de Produção (UFP) e abordada a partir de uma perspectiva sistêmica (lembrando que a UFP está num bioma – onde há determinadas relações ecológicas e recursos naturais; está vinculada ou não a mercados de produtos; a produção deve responder por parte da alimentação da família e de animais domésticos; etc).

Assim, a atividade de capacitação em tecnologia para a produção do milho, poderia ser ministrada observando-se, por exemplo:

- Que a produção de milho exigirá o uso de recursos internos ou o ingresso de recursos externos (em ambos os casos haverá diferentes aspectos a observar, custos, etc). É necessário relacionar e avaliar de forma conjunta e integrada a disponibilidade de: solos, água, clima, ou de sementes, adubos, mão de obra, recursos financeiros, energia, etc...

O produto da safra de milho poderá ter muitos destinos: alimentação humana (inclusive transformação em farinhas e outros produtos industrializados), alimentação animal (direta, silagem, rações, etc...) e/ou a venda para mercados (locais, regionais, etc...). Observe-se que cada um destes pontos têm relação com os demais. Há uma influência mútua, com sinergias positivas ou mesmo com aspectos antagônicos entre si, que precisam ser analisados na capacitação técnica.

Este breve (e até simplório) esquema mostra que tratar da tecnologia de produção do milho exige que os facilitadores/instrutores tenham uma visão ampla e os programas dos cursos tenham uma abrangência bem maior do que, simplesmente, ensinar o preparo do solo, o uso de adubos ou de sementes, por exemplo. É importante, para que o extensionista possa contribuir no planejamento da Unidade Familiar, que sua aprendizagem atente para relações sistêmicas. Vejamos, de forma simplificada, o que se está tentando mostrar:

para produzir milho é preciso saber: se vai chover na época adequada, como estão as condições de solo nas áreas de produção; se está planejada uma rotação de culturas; se é conveniente e factível fazer uma cultura consorciada; se as épocas de plantio e as cultivares a serem usadas são adequadas e compatíveis; se é possível industrializar a produção na UFP ou na comunidade/região; onde e como comercializar (como se insere na cadeia produtiva; quanto será vendido; quanto será consumido na propriedade); se tem quebra-ventos ou deverão ser plantados; como estão planejados os cultivos de plantas atrativas para insetos-praga associados a esta área de milho; se havia leguminosas na área antes deste plantio; e depois, qual será o uso da área;

e mais: qual a integração que há com outros subsistemas de cultivos; estão previstas rotações; se é cultivo consorciado – qual a outra espécie adequada – que variedades, densidades de plantio, etc.

também: se o agricultor plantará sorgo, feijão, mandioca, girassol, pastagens, etc, - como pensar especialmente estas culturas tendo em vista uma rotação futura; como seria possível buscar sinergias positivas entre as diferentes culturas e criações – quais cultivos podem/devem suceder ao outro; observar plantas companheiras, alelopatias, etc.

e os animais: o que as criações podem contribuir com a produção do milho ou receber dela (e como ambas se apresentam na estrutura de planejamento da família); que relações se estabelecem entre a criação de animais e o cultivo de milho - o que vai para a alimentação animal, como usar o estrume no melhoramento da matéria orgânica dos solos; e a criação animal é compatível com o planejamento da UFP – é gado no pasto, são cabras leiteiras; há galinhas, há porcos, peixes, abelhas, etc. Há produção animal para a alimentação da família (quais, quanto, o que necessitam...).

Observe-se que, mesmo num exercício rápido e obviamente incompleto, temos um exemplo de que não basta tentar “atacar” apenas a questão da tecnologia de produção. Esta, talvez, nem seja a maior problemática da UFP. Assim, embora o conhecimento tecnológico seja importante, ele não pode vir descolado do restante das interrelações de um dado cultivo na complexa estratégia familiar e, muito menos, de uma visão holística do planejamento da UFP, inclusive nas suas relações com o “entorno” (entradas e saídas) ou a ciclagem interna de produtos e resíduos/dejetos.

Com uma visão sistêmica na estratégia de capacitação em serviço, é possível manter um processo contínuo de aprendizagens que será cumulativo e mais totalizante do que um simples cursinho de tecnologias do milho. Ou seja, o técnico que aprende (constrói conhecimentos novos) sobre os possíveis sistemas de produção do milho, estará, automaticamente, tratando sobre outras atividades produtivas ou relações de mercado, comercialização, industrialização, por exemplo, que estão todas elas relacionadas entre si.

Em todo o caso, é fundamental que os conteúdos técnicos e metodológicos correspondam com o que está estabelecido na Política Nacional de Ater - Pnater.

4.3. Avaliação e Certificação

Em cada etapa de dispersão os cursandos deverão realizar as tarefas definidas pela coordenação, cujos resultados deverão ser apresentados no início do módulo seguinte, num próximo evento ou através de outro tipo de estratégia. Ao final do Módulo 5, da Capacitação Inicial, por exemplo, é recomendável que os participantes – organizados em grupos pela coordenação – tenham oportunidade para aplicar, de forma organizada e supervisionada - os seus conhecimentos adquiridos sobre metodologias de diagnóstico e planejamento participativo, em uma comunidade selecionada (de preferência que já conte com trabalho de Ater).

Em um momento estabelecido pela coordenação de Formação da entidade (dependendo da dinâmica local – podendo ser no Módulo 5 - ou em outro momento – entre módulos ou entre diferentes eventos), os participantes de cada curso devem apresentar suas demandas de capacitação técnica/tecnológica em função dos arranjos produtivos locais e/ou cadeias produtivas mais demandantes em suas áreas de atuação. Estas demandas específicas devem ser organizadas, sistematizadas e priorizadas, servindo como fundamento para a elaboração da continuidade do processo de Formação em Serviço.

Os participantes dos cursos somente receberão Certificados após o cumprimento de todas estas etapas e correspondente avaliação da aprendizagem. A Certificação não poderá basear-se apenas na participação/presença nos eventos, mas deve refletir a observação da aplicação dos conhecimentos no cotidiano da ação do extensionista.

5. Novos desafios exigem novas posturas

A perspectiva de Formação de Agentes de Ater, como vem sendo tratada neste documento exigirá novas posturas das pessoas e instituições. Vejamos alguns exemplos:

5.1. O que se espera dos facilitadores/instrutores

Ao contrário da posição tradicional de “sabe-tudo” e de simples transmissor de informações e conhecimentos, os facilitadores dos processos de Formação deverão:

a) Entender que Extensão Rural, no enfoque da Pnater, é um processo educativo destinado a apoiar estratégias de desenvolvimento rural sustentável, que levem à melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas, à redução da pobreza rural, ao fortalecimento da cidadania, o que pode exigir incidência ora sobre processos produtivos, ora sobre formas de inclusão social, etc, ou ambas, ao mesmo tempo, como complementares.

b) Que a Formação implica uma ação participativa – com interação entre educador e educando, ambos construindo conhecimentos e valorizando saberes. Deste modo, o facilitador/instrutor deve integrar-se ao grupo. O exercício que se realiza na formação dos técnicos deve ser exemplar para as ações que esses realizarão com o seu público.

c) O enfoque pedagógico deve ser construtivista e crítico-reflexivo. Os conteúdos programáticos devem ser integrados – de forma complementar – e, para isto, o facilitador/instrutor precisa, além do domínio da sua área específica, estar aberto a compartilhar com os demais pares e com os educandos.

d) Mais que professor (sem deixar de lado os conteúdos de sua especialidade) o facilitador/instrutor tem que ser um mestre e participe no processo de aprendizagem, visando atender as expectativas, dúvidas e curiosidades dos participantes.

e) Conhecer, profundamente, seu tema/disciplina e estar aberto a aprender mais com os demais participantes.

O que **não** se espera do facilitador/instrutor é a reprodução dos métodos e procedimentos tradicionais, como se destaca no quadro a seguir.

Box 9:

Os ensinamentos de Paulo Freire voltam a ser úteis para a realidade de Formação de Agentes de Ater. Vejamos o que nos diz o Educador e busquemos adaptar as afirmações abaixo para a realidade do processo de Formação a que nos estamos referindo.

“Se nossa opção é democrática e se somos coerentes com ela, de tal maneira que nossa prática não contradiga nosso discurso, não nos é possível fazer uma série de coisas que não é raro encontrar realizadas em quem se proclama progressista.” FREIRE, 1994: 89). O que não é desejável no verdadeiro educador, segundo Paulo Freire:

“1. Não tomar em consideração o conhecimento feito de experiência com o qual o educando chega à escola, não valorizando, quase em nada o saber acumulado....

2. Tomar ao educando como objeto da prática educativa, da qual ele é um dos sujeitos.

3. Alardear aos quatro ventos que quem pensa de forma diferente, quer dizer, quem respeita o saber com que o educando chega à escola ... é populista, liberalista e anárquico.

4. Defender a visão estreita da escola como espaço exclusivo de ‘lições que há que ensinar e lições que há que aprender’...

5. Hipertrofiar sua autoridade a tal ponto que afogue as liberdades dos educandos...

6. Assumir constantemente posições intolerantes nas quais é impossível a convivência com os diferentes.

7. Elaborar ‘pacotes’ de conteúdos, sob o pretexto de melhora qualitativa da educação, e basear-se apenas em manuais ou guias destinados aos professores para uso dos ‘pacotes’...”

(adaptado de: FREIRE 1994; 89-91)

5.2. Desafios para os especialistas em Recursos Humanos

Não é este o lugar para tratar sobre a importância das áreas de Recursos Humanos nos serviços de Ater. Historicamente, a seleção de extensionistas, sua capacitação inicial e aperfeiçoamento em serviço foi um elemento distintivo das entidades de Ater do Brasil, o que merece ser recuperado, onde foi desmantelado depois dos anos 80.

Entretanto, apesar do processo de desmonte vivido pelo sistema Estadual de Extensão Rural brasileiro, muitas instituições de Ater ainda possuem sólidos programas de Recursos Humanos, de fortalecimento da auto-estima, de capacitação continuada, de aperfeiçoamento e mesmo em nível de Pós-Graduação.⁸ Em muitos casos o aperfeiçoamento profissional está associado a etapas de crescimento na carreira, estimulando os extensionistas a seguirem na entidade buscando seu aperfeiçoamento. Isto tem levado a importantes estímulos para a autocapacitação, para o estudo e para a sistematização e análise de sua própria prática.

É recomendável que haja um fortalecimento das áreas de Recursos Humanos das entidades de Ater, seguindo as experiências bem sucedidas, o que pode ser propiciado através de processos de intercâmbio entre os profissionais da área e, mesmo, de capacitação específica.

Também é recomendável que o aperfeiçoamento dos técnicos (e demais servidores) esteja associado a Planos de Cargos e Salários que estabeleçam formas de ascensão profissional, motivadoras para as suas carreiras profissionais.

⁸Por reconhecimento, vale a pena destacar os esforços empreendidos por algumas entidades, com especial destaque para a EMATER-RN, EMATER-PA e EMATER-MG que, entre outras, empreenderam um grande esforço e recursos humanos e financeiros para aperfeiçoar e fortalecer suas áreas e políticas de RH.

O setor de RH deveria, também, elaborar um Plano de Capacitação – de curta e média duração – coerente com as demandas de atividades de cada realidade, com as prioridades da entidade, com as políticas públicas em execução, com as orientações da Pnater e que atendam as necessidades objetivas da ação extensionista, tanto em aspectos técnicos como metodológicos.

É importante que o sistema de Avaliação dos servidores das entidades de Ater incorpore metodologias de Avaliação funcional do tipo 360°, estabelecendo um processo democrático que traga a contribuição dos beneficiários e/ou suas organizações para o processo de avaliação do trabalho da entidade e de seus servidores.

5.3. Desafios para os Articuladores da Rede Temática de Formação

Seguindo a estratégia que vem sendo adotada pelo Dater, em parceria com as entidades que formam parte das Redes de Ater, os Articuladores da Rede Temática de Formação de Agentes de Ater deverão desempenhar um papel de destaque no processo de Formação dos extensionistas. Entre outras responsabilidades que venham a ser estabelecidas por suas respectivas entidades, os Articuladores deverão:

- a) Acompanhar e contribuir no processo de elaboração das propostas e eventos de formação, em todas as suas etapas e em todas as áreas/temas;
- b) Acompanhar as atividades de formação e colaborar na sua realização;
- c) Apresentar sugestões aos responsáveis pela formação dos extensionistas, inclusive com respeito a iniciativas que devam constar em convênios/contratos que possam financiar tais atividades;
- d) Elaborar e/ou propor a produção de materiais didáticos e outros textos complementares à Formação de Agentes, assim como sugerir a aquisição de livros que possam reforçar o acervo das bibliotecas das entidades e que venham a servir para o aprofundamento de conhecimentos por parte de instrutores/facilitadores e extensionistas;
- e) Acompanhar e opinar sobre a avaliação dos participantes dos eventos de formação;
- f) Interagir com membros de outras Redes Temáticas, contribuindo para que sejam observadas as orientações da Pnater e deste documento nas atividades/conteúdos das ações de formação.

6. Sobre o perfil dos profissionais: segundo a Pnater

A Política Nacional de Ater, ao romper com os paradigmas convencionais e conservadores do extensionismo difusionista, passou a exigir um novo perfil profissional para os quadros da Extensão Rural. O imperativo sócio-ambiental, a bases teóricas da Agroecologia e o enfoque metodológico participativo, como norteadores da práxis extensionista, são apenas três dos grandes desafios presentes na Pnater e que exigem um “novo profissionalismo”.⁹

Ainda que devam ser respeitadas as expectativas regionais, os valores culturais e as exigências de cada instituição para a composição de seus quadros profissionais, seguindo os conceitos-chave da Política de Ater é possível enunciar alguns elementos básicos do perfil dos extensionistas, que devem ser buscados na seleção (fazer parte da orientação das provas dos concursos) ou, posteriormente, através da oferta de formação por parte das entidades. Vejamos alguns destes elementos que conformam o perfil desejado:

a) Ter visão holística e sistêmica

Ter visão sistêmica e voltada à sustentabilidade;

⁹Veja-se: CAPORAL (2008) e CAPORAL e RAMOS (2006)

Ter visão, enxergar o contexto;
Entender para onde se está caminhando;
Identificar e trabalhar com as oportunidades e recursos disponíveis;
Integrar sociedade e ambiente em suas ações;
Compreender sua posição em interface de outras pessoas;
Responsabilizar-se e compartilhar aprendizagem com o conjunto das pessoas envolvidas;
Integrar na análise as diferenças ideológicas, políticas, religiosas, sociais, culturais, etc..

b) Ser articulador e conciliador

Envolver entidades e articular pessoas em torno de uma idéia (interna ou externamente);
Identificar potenciais e utilizar recursos de forma positiva;
Administrar conflitos e interesses diversos;
Encaminhar e respeitar prioridades;
Negociar, comunicar;
Transmitir segurança e firmeza;
Colocar-se no lugar do outro (empatia), saber ouvir.

c) Capacidade de liderança

Demonstrar conhecimento em suas área de formação profissional;
Ter capacidade de relacionamentos intra e interpessoal;
Estimular a motivação, envolver, influenciar a equipe;
Ter conhecimento técnico;
Ter capacidade de interlocução;
Possuir iniciativa para encaminhar resolução de conflitos.

d) Demonstrar e praticar posturas participativas

Ter disposição de analisar e se comprometer (se expor) com a resolução de processos, através da organização;
Ser integrado e identificado com o contexto da equipe;
Saber ouvir a comunidade e a equipe interna e comunidade para conciliar com a construção de processos sociais;
Estimular e promover a ampla participação das partes envolvidas;
Não trazer a “idéia pronta”: construir em conjunto;
Ser cooperador.

e) Capacidade para construir e sistematizar conhecimentos técnicos

Identificar os temas técnicos prioritários, as principais cadeias produtivas da suas área de atuação e conhecer detalhes destas realidades;
Dominar o conhecimento técnico sobre Arranjos Produtivos Locais, Cadeias e Sistemas produtivos, Comercialização e estratégias de inserção nos mercados;
Ter sensibilidade para perceber necessidades (demandas técnicas e sociais dos beneficiários);
Ser didático e orientador, educador, facilitador de processos de construção de conhecimentos;
Saber se expressar, adequando a linguagem ao público, de forma a facilitar a compreensão;
Estar aberto a novos conhecimentos, com iniciativa para buscá-los (interagir);
Compartilhar o saber com a equipe e com a comunidade;
Ser pró-ativo (não esperar pela demanda, promover o desenvolvimento da equipe);
Identificar as diferenças na equipe, explorando as potencialidades de cada um;
Ser crítico e criativo.

f) Capacidade de análise e síntese

Interpretar a realidade de forma crítica, expondo-a de forma organizada;
Hierarquizar e priorizar os aspectos principais de suas análises;
Elaborar projetos, adequando-os aos objetivos e ao contexto de forma original (saber decompor e recompor uma idéia);
Levantar e diferenciar o que é “causa” do que é “efeito”.

g) Ter aptidão para o planejamento e a ação planejada (animação dos processos)

Diagnosticar, fazer a leitura, interpretar e decodificar a realidade;
Ter perspicácia para perceber a realidade;
Estar em sintonia com a comunidade e trabalhar bem com os grupos e equipes;
Ter disciplina e metodologia de trabalho;
Reconhecer o planejamento como o instrumento fundamental de trabalho;
Saber identificar os atores dos processos;
Formular o planejamento para ser executado (exequível, executável e participativo);
Dominar ferramentas e métodos de Aprendizagem e Ação Participativa.

7. Conclusão

A Formação continuada de extensionistas rurais é uma ação institucional fundamental para a qualificação permanente das atividades de Assistência Técnica e Extensão Rural. A Política Nacional de Ater, ao introduzir novos conceitos e novos desafios para a prática da extensão rural, passou a requerer que, além da retomada dos processos de Capacitação Inicial, as entidades estabeleçam políticas de capacitação de seus quadros, com estímulos e apoio para o esforço individual e coletivo de Formação, mas também através de atividades institucionalmente planejadas que assegurem um processo de acúmulo de conhecimentos pedagógicos, metodológicos e em áreas técnicas específicas ao longo das carreiras profissionais dos extensionistas.

A “formação em serviço”, que foi uma das características que diferenciaram a extensão rural de outras atividades/organizações voltadas para a educação não formal, ao contrário dos métodos convencionais, deveria assumir o papel de contribuir para um processo de construção de conhecimentos compatíveis com a complexidade das realidades específicas onde atuamos, respeitando os saberes locais/tradicionais acumulados ao longo do tempo.

Os processos de Formação, nesta nova perspectiva, deveriam partir de conteúdos e abordagens transdisciplinares, incorporando uma compreensão integradora dos processos sociais, políticos e econômicos que ocorrem nos espaços de ação dos extensionistas. Não se trata, pois, de simplesmente difundir novas idéias e novos conteúdos técnicos, mas de formar pessoas para que estas possam interagir de forma democrática com outras pessoas. Formar pessoas com capacidade de análise crítica e construtiva, que se sintam corresponsáveis pelos processos de desenvolvimento em que estão inseridas.

Por fim, a Formação de extensionistas, para manter coerência com os Princípios da PNATER, precisa ser uma ação participativa, baseada em um enfoque pedagógico construtivista, focada na construção coletiva de conhecimentos. Isso requer a construção de políticas de Formação de Agentes de Ater para as quais este texto pretende ser uma contribuição.

8. Bibliografia consultada

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural*. Brasília, DF: SAF; Dater, 2004.

CALLOU, Ângelo Brás Fernandes ...et al. **O Estado da Arte do Ensino da Extensão Rural no Brasil: Relatório de Pesquisa**. Recife: 2008.

CAPORAL, Francisco Roberto **La extensión agraria del sector público ante los desafíos del desarrollo sostenible: el caso de Rio Grande do Sul, Brasil**. 1998. 517 f. Tese (Doutorado em Agroecología, Campesinado e História) – ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, Córdoba, España, 1998.

CAPORAL, Francisco Roberto e COSTABEBER, José Antônio **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA. 2004a.(3ª ed. 2007)

CAPORAL, Francisco Roberto e COSTABEBER, José Antônio **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília, MDA/SAF, 2004b. (3ª ed., 2007).

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio e PAULUS, Gervásio. Agroecologia: Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. 2006a. In: CONTIN, I. L.; PIES, N. e CECCONELLO, R. (orgs.) **Agricultura Familiar: caminhos e transições**. Passo Fundo. IFIBE. 2006. (Coleção Praxis, 5) pp. 174-208

CAPORAL, Francisco Roberto e RAMOS, Ladjane de Fátima Da Extensão Rural Convencional à Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável. 2006a. In: MONTEIRO, D. C. C. e MONTEIRO, M. A. (orgs.) **Desafios na Amazônia: uma nova Assistência Técnica e Extensão Rural**. Belém, UFPA/NAEA, 2006. pp 27-50

CAPORAL, Francisco Roberto e RAMOS, Ladjane de Fátima Da Extensão Rural Convencional à Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável. 2006b. In: CONTI, I. L.; PIES, M. e CECCONELLO, R. (orgs.) **Agricultura Familiar: Caminhos e Transições**. Passo Fundo, IFIBE, 2006. pp. 209-235.

CAPORAL, Francisco Roberto Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: Fábio Gelape Fakeiro; Austeclínio Lopes de Farias Neto. (Org.). **Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais**. 1 ed. Brasília: Embrapa Cerrados, 2008, v. 1, p. 895-929.

CHAMBERS, R. **Rural development: putting the last first**. Essex: Longman, 1983.

CHAMBERS, R. **Challenging the professions: frontiers for rural development**. London: Intermediate Technology Publications, 1994.

CHAMBERS, R. **Whose reality counts? Putting the first last**. London: Intermediate Technology Publications, 1997.

CIMADEVILLA, Gustavo **DOMINIOS: Crítica a la razón intervencionista, la comunicación y el desarrollo sustentable**. Buenos Aires: Prometeo Libros. 2004.

EMPRESA BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL **Políticas e Diretrizes de Formação Extensionista**. Brasília: EMBRATER. 1987.

FÁVERO, Maria Helena **Psicologia e conhecimento: subsídios da psicologia do desenvolvimento para a análise de ensinar e aprender**. Brasília: Editora UnB. 2005.

FREIRE, Paulo **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra. 12ª edição. 1977.

FREIRE, Paulo Educación y Participación Comunitaria. in: CASTELLS, Manuel et. al. **Nuevas perspectivas críticas en educación**. Barcelona: Editorial Paidós. 1994. pp.83-96

LINARES FLEITES, Cecilia, et. al. **La participación: diálogo y debate en el contexto cubano**. Ciudad de Habana: Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello. 2004.

PINHEIRO, Sérgio L. G. O enfoque sistêmico e o desenvolvimento rural sustentável: Uma oportunidade de mudança da abordagem hard-systems para experiências com soft-systems. In: Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. EMATER-RS, nº 2, abr/jun 2000.

SILVA, Aliomar Arapiraca **Concepções de processo educativo no âmbito da Extensão Rural e suas repercussões na prática dos extensionistas: um estudo através da EMATER-RS**. CPGER, Santa Maria – UFSM, Dissertação de Mestrado. 1992. 211p.

ANEXO 1

PROGRAMA DE FORMAÇÃO TÉCNICO SOCIAL CAPACITAÇÃO INICIAL E EM SERVIÇO

....., de a de de 2009.

Logotipo da entidade	MÓDULO 1 Abordagem teórico-prática sobre Ater e Desenvolvimento Rural	Coordenação Geral: Coordenação Técnica: Facilitadores:
----------------------	--	---

Dia	Horário	Conteúdo Programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Segunda	08:30 às 09:30 h	📁 Abertura	Boas vindas aos participantes	Exposição oral	Diretoria	
	09:30 às 11:00 h	📁 Apresentação dos participantes	Integração dos participantes	Integração de todos os participantes. Auto-apresentação em duplas. Entrevista e apresentação em plenária c/visualização móvel		
	11:00 às 12:00 h	📁 Levantamento de expectativas	Levantar as expectativas dos participantes em relação ao processo de formação.	Descrição em tarjetas		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 14:00 h	📁 Funcionamento e infraestrutura do curso Estabelecer o Pacto de Convivência. Dar conhecimento da logística de apoio.				
	14:00 às 15:00 h	📁 Formação como instrumento de qualificação da Ater 📁 Apresentação do programa do curso	Contextualização da formação de Agentes de Ater no projeto institucional Visualizar os conteúdos e objetivos dos módulos do curso e sua inter-relação.	Exposição oral c/apoio visual		
	15:00 às 15:45 h	📁 Funcionamento do módulo e escolha das equipes de apoio	Explicar o funcionamento e escolher equipes de apoio (avaliação, recreação, saúde, recepção...).	Exposição oral		

15:45 às 16:00 h	Υ INTERVALO Υ			
16:10 às 16:10 h	📁 Apresentação da semana	Situar participantes no programa da semana.	Exposição oral c/visualização móvel	
16:10 às 18:00 h	<ul style="list-style-type: none"> 📁 Visualização móvel: conceito e prática (iniciar entendimento sobre o tema) 📁 Elementos da visualização móvel 📁 Recomendações para escrita 📁 Técnica da chuva e coleta de idéias 	Compreensão das contribuições da visualização móvel no processo participativo e domínio de alguns de seus elementos e sua prática durante e após o curso		

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Terça	08:00 às 08:20 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de avaliação	
	08:20 às 10:00 h	📁 Histórico da agricultura e da Extensão Rural no Brasil	Apresentar teorias do desenvolvimento e os seus efeitos. e introdução ao conceito de Desenvolvimento Rural. Sustentável. A inserção da Extensão Rural neste processo.	Trabalhos em grupos para levantamento de conhecimento do grupo sobre o tema (linha da vida) Exposição oral c/apoio visual		
	10:00 às 10:15 h	☪ INTERVALO ☪				
	10:15 às 12:00 h	Agricultura Familiar no processo de desenvolvimento	O Desenvolvimento Rural como processo de inclusão, aprofundando o entendimento de Agricultura Familiar e suas características no Brasil e no Estado. Apresentação do histórico da ocupação da terra no estado	Leitura de um texto referência Exposição oral c/apoio visual Debate em plenária		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 13:45 h	Dinâmica de grupo	Energizar o grupo	-	Comitê de animação	
	13:45 às 15:45 h	📁 Política Nacional de Ater (PNATER) 📁 Território da Cidadania	Apresentação da PNATER , seus princípios e diretrizes, articulado ao desenvolvimento rural. Conhecer a política de desenvolvimento nos TC, a matriz de ações e as prioridades no Estado.	Exposição oral c/apoio visual		
	15:45 às 16:00 h	☪ INTERVALO ☪				
16:00 às 18:00 h	📁 Impacto da PNATER na política estadual de Extensão Rural e na atuação dos Agentes de Ater (problematização sobre a realidade agrária e agrícola no meio rural local dialogando com a contribuição da Ater estadual)	Refletir sobre o papel das instituições e dos Agentes de Ater frente à PNATER e sistematização do dia	Trabalho de grupo Apresentação em plenária			

Dia	Horário	Conteúdo Programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Quarta	08:00 às 08:20 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição dialogada c/visualização móvel	Equipe de avaliação	
	08:20 às 10:00 h	📁 Eixos Orientadores das Políticas da Secretaria da Agricultura Familiar	Conhecer os 4 eixos orientadores das Políticas da SAF	Exposição dialogada		
	10:00 às 10:15 h	⏏ INTERVALO ⏏				
	10:15 às 12:00 h	📁 Princípios e fundamentos da Agroecologia	Compreender os princípios e fundamentos da Agroecologia como base do processo de DRS	Exposição dialogada c/apoio visual		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 13:45 h	📁 Dinâmica de grupo	Energizar o grupo	-		
	13:45 às 15:00 h	📁 Transição Agroecológica	Buscar o entendimento do processo de transição agroecológica.	Exposição dialogada c/apoio visual Debate em plenária		
	15:00 às 15:15 h	⏏ INTERVALO ⏏				
	15:15 às 17:45 h	📁 Práticas e técnicas para a Transição Agroecológica	Apresentar algumas técnicas baseadas nos princípios da Agroecologia.	Exposição dialogada c/apoio visual		
17:45 às 18:30 h	📁 Apresentação de experiências em Agroecologia	Exposição de algumas experiências de transição agroecológica, reflexão sobre princípios de Agroecologia contidos nas experiências.	Exposição dialogada c/apoio visual Debate em plenária			

Dia	Horário	Conteúdo Programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Quinta	08:00 às 08:20 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de avaliação	
	08:20 às 10:00 h	📁 Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável	Conhecer os conceitos de segurança e soberania alimentar . Compreender a importância das ações de Ater para a segurança e soberania alimentar. Conhecer a Política Nacional de Segurança Alimentar.	Exposição oral c/apoio visual		
	10:00 às 10:15 h	⚡ INTERVALO ⚡				
	10:15 às 12:00 h	📁 Enfoque de Gênero, Raça e Etnia nas ações de Ater	Conceitos das Relações Sociais de Gênero e Etnodesenvolvimento Apresentar aos participantes a importância das questões de gênero, raça e etnia no diagnóstico e planejamento das ações de Ater	Trabalho em grupo com apoio visual e exposição oral		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 15:30 h	📁 Continuação do tema	Aprofundamento do tema	Apresentação dos trabalhos em grupo e debate		
	15:30 às 15:45	⚡ INTERVALO ⚡				
	15:45 às 17:30 h	📁 Enfoque de Redes e Território	Apresentar teorias e conceitos sobre Redes e Territórios	Exposição oral com apoio visual		
17:30 às 18:30 h	📁 Síntese do dia	Destacar os principais pontos do aprendizado do dia	Feito em plenária com uma pergunta orientadora: quais as principais idéias do dia. Sistematizar no relatório			

Dia	Horário	Conteúdo Programático	Objetivo	Técnica	Facilitador
Sexta	08:00 às 08:20 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura	
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de avaliação
	08:20 às 10:00 h	📁 Movimentos Sociais no campo: gestão social	Conceitos e princípios	Exposição oral com apoio visual	
	10:00 às 10:15 h	⏸ INTERVALO ⏸			
	10:15 às 12:00 h	📁 Formas de Organização Social no Espaço Rural	Apresentar os principais tipos de organização social e estabelecer seu papel para o desenvolvimento rural (Conselhos, Cooperativas, Associações, STR, Ongs, entre outras)	Exposição oral com apoio visual	
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒			
	13:30 às 14:30 h	📁 Continuação do tema	Aprofundamento do tema	Depoimento de um representante de CMDRS ou CEDRS e de uma Cooperativa e/ou associação de agricultores familiares	
	14:30 às 16:30 h	📁 Teorias de Sistemas e suas implicações na prática da Extensão Rural	Conhecer os conceitos e aplicação das teorias de sistemas na prática de Ater	Exposição oral com apoio da visualização	
	16:30 às 17:00 h	📁 Continuação do tema	Aprofundamento do tema	Debate	
17:00 às 18:00 h	📁 Avaliação da semana	Síntese da semana	Exposição oral e visualização		

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO TÉCNICO SOCIAL
CAPACITAÇÃO INICIAL E EM SERVIÇO**

....., de a de de 2009.

Logotipo da entidade	<p>MÓDULO 2</p> <p>Modelo Organizacional das Instituições de Ater Estadual e Política para o Fortalecimento da Agricultura Familiar</p>	<p>Coordenação Geral: Coordenação Técnica: Facilitadores:</p>
----------------------	---	---

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Segunda	08:00 às 08:20 h	📁 Abertura	Boas vindas aos participantes			
		📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura da mensagem	Equipe de avaliação	
	08:20 às 09:00 h	📁 Retrospectiva do módulo 1	Realizar uma síntese dos conteúdos abordados no módulo 1	Exposição oral com visualização móvel		
	09:00 às 09:30 h	📁 Apresentação da semana	Visualizar os objetivos e conteúdo do módulo 2	Exposição oral com visualização móvel		
	09:30 às 09:45 h	📁 Escolha das equipes de apoio	Indicar equipes de apoio (avaliação, recreação, saúde,...)	Voluntários		
	09:45 às 12:00 h	Modelo Organizacional das Instituições de Ater do Estado	Apresentar aos participantes: <ul style="list-style-type: none"> •Estrutura e organograma das instituições de Ater no Estado (governamental e não-governamental) •Normas e procedimento •Visão, Missão e valores •Direitos e deveres dos colaboradores 	Exposição dialogada Debate em plenária Reflexões em grupo		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOCO 🕒				
	13:30 às 16:00 h	📁 Histórico da agricultura familiar no Estado	Apresentar aos participantes o marco da agricultura familiar no Estado. Sua caracterização e estratégias produtivas (e de outros atores que acompanhados pela Ater).	Exposição dialogada		
16:00 às 16:15 h	⏏ INTERVALO ⏏					

	16:15 as 18:00	Introdução as Políticas para o fortalecimento da agricultura familiar	<ul style="list-style-type: none">•Importância socioeconômica da agricultura familiar•Agricultura familiar e o PIB•Agricultura familiar, ocupação e trabalho no campo	Exposição dialogada Discussão em plenária	
--	----------------	---	---	--	--

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Terça	08:00 às 08:20 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Eq. de avaliação	
	08:20 às 10h00	📁 Introdução as Políticas para o fortalecimento da agricultura familiar	<ul style="list-style-type: none"> •Agricultura familiar e meio ambiente •Conservação da paisagem, saberes ambientais na agricultura familiar e potencial para o manejo sustentável dos recursos naturais. 			
	10:00 às 10:15 h	Y INTERVALO Y				
	10:15 às 12:00 h	Política de desenvolvimento rural e fortalecimento da agricultura familiar federal e estadual: Seguro da agricultura familiar PGPAF Garantia safra (nas regiões de abrangência)	Normas e operacionalização	Exposição oral cm visualização		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOCO 🕒				
	13:30 às 13:45 h	📁 Dinâmica de grupo	Energizar o grupo	-		
	13:45 às 16:30 h	📁 Agroindústria familiar – política e legislação	<ul style="list-style-type: none"> •Normas e procedimentos de acesso •Elementos básicos para apresentação de projetos 	Exposição oral c/auxílio visual		
	16:00 às 16:15 h	Y INTERVALO Y				
16:15 às 18:00 h	<ul style="list-style-type: none"> 📁 Turismo rural 📁 Artesanato 📁 Agregação de valor e renda 	<ul style="list-style-type: none"> •Acesso as ações de apoio •Elementos básicos para apresentação de projetos 	Trabalho de grupo Plenário			

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Quarta	08:00 às 08:20 h	☞ Mensagem do dia				
	08:20 às 09:00 h	☞ Avaliação do dia anterior				
	09:00 às 10:00 h	☞ Continuação..... ☞ Plantas medicinais ☞ Produtos da sociobiodiversidade	☞ Acesso as políticas de apoio ☞ Legislação sobre plantas medicinais ☞ Plano da sociobiodiversidade	Trabalho de campo em equipes		
	10:00 às 10:15 h	∩ INTERVALO ∩				
	10:15 às 12:00 h	☞ Continuação..... ☞ Produtos orgânicos	☞ Legislação sobre produtos orgânicos ☞ Certificação socioparticipativa			
	12:00 às 13:30 h	● ALMOÇO ●				
	13:30 às 16:00 h	☞ Programas de aquisição de alimentos: PAA	<ul style="list-style-type: none"> ● Legislação e modalidades do PAA ● Normas de operacionalização do PAA ● Papel da Ater no PAA 			
	16:00 às 16:15 h	∩ INTERVALO ∩				
16:15 às 18:00 h	Continuação ☞ Programa de aquisição de alimentos: Merenda Escolar	<ul style="list-style-type: none"> ● Legislação e modalidades de compras ● Normas de operacionalização das compras diretas da AF ● Papel da Ater nas compras para a Merenda 				

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador
Quinta	08:00 às 08:30 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura	
		📁 Avaliação dos dias anteriores	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Eq. de avaliação
	08:30 às 10:00 h	<ul style="list-style-type: none"> 📁 Fomento a extensão rural 📁 Ater com comunidades indígenas 📁 Ater com comunidades quilombolas 	•Socialização dos objetivos e ações do Pronater	Exposição oral com visualização móvel	
	10:00 às 10:15 h	⏸ INTERVALO ⏸			
	10:15 às 11:15 h	<ul style="list-style-type: none"> 📁 Ater com mulheres rurais 📁 Ater com assentados da reforma agrária 📁 Ater no semi-árido 📁 Inovações Tecnológicas 	•Socialização dos objetivos e ações do Pronater	Trabalho em grupo	
	12:00 às 13:30 h	🍴 ALMOÇO 🍴			
	13:35 às 15:15 h	📁 Formação de agentes de Ater	•Socialização dos objetivos e ações de Formação.	Plenária	
	15:15 às 15:30 h	⏸ INTERVALO ⏸			
	15:30 às 17:30 h	📁 Redes Temáticas de Ater	•Informar sobre os objetivos, a estratégia e o funcionamento das Redes Temáticas de Ater	Exposição oral com visualização móvel	

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Sexta	07:30 às 08:00 h	📁 Mensagem do dia				
	08:00 às 09:15 h	📁 Avaliação do dia anterior		Trabalho de campo em equipes		
	09:15 às 10:15 h	📁 Informações sobre as ações das Redes Temáticas de Ater no Estado	•Apresentar articuladores das Redes Temáticas de Ater no Estado e as ações planejadas das referidas Redes			
	10:00 às 10:15 h	⏏ INTERVALO ⏏				
	10:15 às 12:00 h	📁 Dúvidas e esclarecimento sobre os temas apresentados no módulo	•Esclarecer as dúvidas e temas ainda em aberto dos módulos 1 e 2			
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 18:00 h	Orientação ao trabalho de dispersão	Orientar os participantes na tarefa de dispersão Tarefa: 1.Mapear as políticas que sua instituição apoiar a implantação no meio rural 2.Elaborar uma análise FOFA (Fortaleza, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) na implementação destas políticas? 3.Preparar a apresentação para o próximo módulo			
	14:30 às 15:30 h	📁 Avaliação participativa do Módulo 2	Buscar aperfeiçoamentos no curso	Visualização móvel Avaliação escrita	Participantes	
	15:30 às 16:00 h	📁 Encerramento				

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO TÉCNICO SOCIAL
CAPACITAÇÃO INICIAL E EM SERVIÇO**
....., de a de de 2009.

Logotipo da entidade	MÓDULO 3 Aprendizagem e ação participativa - Diagnóstico	Coordenação Geral: Coordenação Técnica: Facilitadores:
----------------------	---	--

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Segunda	08:00 às 08:20 h	☞ Abertura	Boas vindas aos participantes			
		☞ Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura da mensagem	Equipe de avaliação	
	08:20 às 09:00 h	☞ Retrospectiva do módulo 2	Realizar uma síntese dos conteúdos abordados no módulo 2	Exposição dialogada com visualização móvel		
	09:00 às 09:30 h	☞ Apresentação da semana	Visualizar os objetivos e conteúdo do módulo 3	Exposição dialogada com visualização móvel		
	09:30 às 09:45 h	☞ Escolha das equipes de apoio	Indicar equipes de apoio (avaliação, recreação, saúde,...)	Voluntários		
	09:45 às 12:00 h	☞ Reflexão sobre as informações abordadas nos módulos 1 e 2 e a repercussão na prática extensionista	Apresentar a análise FOFA Estabelecer as principais conclusões	Exposição dialogada c/apoio visual		
	12:00 às 13:30 h	☉ ALMOCO ☉				
	13:30 às 14:30 h	☞ Fundamentos pedagógicos e enfoque das Metodologias Participativas ☞ Introdução ao Diagnóstico Rural Participativo	Apresentar e discutir o marco teórico, enfoques e ferramentas para Aprendizagem e Ação Participativa. Apresentar histórico, princípios, usos e ferramentas para Diagnóstico. Uso da técnica de Leitura da Paisagem. Resgatar e valorizar as informações disponíveis no município.	Trabalho em campo no próprio local de treinamento.		

14:30 às 16:00 h	Preparar equipes para o trabalho de campo	Formar grupos para aplicação da leitura de paisagem e estabelecer tempo para preparação dos grupos para o exercício prático no próprio local de treinamento.		
16:00 às 18:00 h	Leitura da paisagem	Exercitar a leitura de diferentes cenários no âmbito municipal usando a Leitura de Paisagem.		

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Terça	08:00 às 08:20 h	✉ Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		✉ Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de avaliação	
	08:20 às 10:00 h	✉ Sistematização das informações sobre Leitura de Paisagem	Sistematizar as informações de campo e descrever as diferenças encontradas no local de aplicação.	Trabalho de grupos		
	10:00 às 10:15 h	☿ INTERVALO ☿				
	10:15 às 10:45 h	•Apresentar os perfis encontrados do	Apresentar e discutir os resultados encontrados.	Apresentação em plenária		
	10:45 às 12:00 h	✉ Apresentação de algumas ferramentas para o diagnóstico com enfoque de Gênero	Rotina diária de homens e mulheres, mapa social, acesso e controle, outras.	Exposição dialogada, com visualização		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 13:45 h	4.Dinâmica de grupo	Energizar o grupo	-		
	13:45 às 16:30 h	5.Mapas Participativos	Organizar um marco de técnicas que permitam a construção do diagnóstico da realidade e esclarecer dúvidas sobre as ferramentas.	Exposição oral c/auxílio visual		
		6.Caminhada Transversal				
		7.Itinerário de Desenvolvimento - ID				
		8.Técnicas de Entrevistas				
	16:00 às 16:15 h	☿ INTERVALO ☿				
16:15 às 18:00 h	9.Construção das guias de entrevista 10.Preparação do trabalho de campo	Dividir os participantes em grupo para aplicação das ferramentas. Elaborar e organizar instrumentos e estrutura de apoio.	Trabalho de grupo Plenária			

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador
Quarta	07:30 às 09:00 h	📁 Viagem para a comunidade de			
	09:00 às 12:00 h	<ul style="list-style-type: none"> •Aplicação das ferramentas em campo (I.D., Mapas e Caminhada Transversal) 	Executar as ferramentas na busca de dados	Trabalho de campo em equipes	
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒			
	13:30 às 17:00 h	📁 Continuação ...			
	17:00 às 18:00 h	<ul style="list-style-type: none"> •Retorno da comunidade de para o local do curso 			

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Quinta	08:00 às 08:30 h	• Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		• Avaliação dos dias anteriores	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Eq. de avaliação	
	08:30 às 09:00 h	• Recomendações para o trabalho em grupo	Apresentar aos participantes alguns elementos metodológicos para trabalhos em grupo	Exposição oral com visualização móvel		
	09:00 às 09:30 h	• Organização do trabalho	Orientar os grupos para o processo de sistematização e análise das informações	Plenária		
	09:30 às 10:00 h	• Organização e sistematização das informações	Praticar a organização de dados de forma sistemática e como analisá-los.	Trabalho de grupo		
	10:00 às 10:15 h	∩ INTERVALO ∩				
	10:15 às 11:15 h	• Continuação...	Continuação do processo de sistematização do trabalho em campo	Trabalho em grupo		
	11:15 às 12:00 h	• Apresentação e discussão da sistematização das informações	Discussão e análise conjunta das informações	Plenária		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 13:45 h	📁 Dinâmica de grupo	Energizar o grupo	-		
	13:45 às 15:15 h	📁 Continuação...	Continuação da discussão conjunta das informações	Plenária		
	15:15 às 15:30 h	∩ INTERVALO ∩				
	15:30 às 18:00 h	📁 Unidade familiar de produção 📁 Visão sistêmica 📁 Tipologia dos agricultores Análise de cadeias	Relacionar teoria e prática extensionista a partir das informações obtidas com a aplicação do DRP	Exposição oral c/auxílio visual		
	18:00 às 20:00 h	JANTA E DESCANSO				
	20:00 às 20:30 h	📁 Construção da pré-tipologia dos agricultores da comunidade de	Organizar um marco referencial de técnicas que permitam diagnóstico de uma realidade	Exposição oral com visualização móvel		

	20:30 às 20:50 h	📁 Itinerário técnico, social e ambiental das unidades de produção: campo de análise e roteiro.			
	20:50 às 21:30 h	📁 Construção dos guias de entrevistas	Construir instrumentos	Trabalho de grupo	

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Sexta	07:30 às 08:00 h	📁 Viagem para a comunidade de				
	08:00 às 12:00 h	📁 Levantamento de dados: 📁 Itinerário Técnico Social e Ambiental 📁 Cadeias produtivas	Praticar a busca de dados e informações.	Trabalho de campo em equipes		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 16:00 h	•Continuação...				
	16:00 às 16:30 h	•Retorno da comunidade de				
	16:30 às 17:00 h	•Organização do trabalho	Constituir os grupos de sistematização e análise das informações	Plenária		
	17:00 às 18:00 h	📁 Organização e sistematização das informações	Organização e sistematização das informações	Trabalhos de grupo		


Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador
Sábado	08:00 às 08:20 h	● Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura	
		● Avaliação dos dias anteriores	Balizar a capacitação	Exposição oral c/auxílio visual	Eq. de avaliação
	08:20 às 10:00 h	📁 Organização e sistematização das informações	Organização e sistematização das informações	Trabalhos de grupo	
	10:00 às 10:15 h	⏸ INTERVALO ⏸			
	10:15 às 11:00 h	Continuação...			
	11:00 às 12:00 h	📁 Apresentação dos produtos do Diagnóstico: Mapa, Caminhada, ID, ITSA e Cadeias Produtivas.	Validação dos produtos do diagnóstico e construção de uma visão global	Plenária	
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒			
	13:30 às 14:30 h	📁 Apresentação dos produtos do Diagnóstico: continuação...			
	14:30 às 15:30 h	📁 Avaliação participativa do Módulo 3 📁 Avaliação estruturada do Módulo 3	Buscar aperfeiçoamentos no curso	Visualização móvel Avaliação escrita	Participantes
	15:30 h	● Encerramento			

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO TÉCNICO SOCIAL
CAPACITAÇÃO INICIAL E EM SERVIÇO**

....., de ... a de de 2009.

Logotipo da entidade	MÓDULO 4 Aprendizagem e Ação Participativa – Planejamento Participativo –	Coordenação Geral: Coordenação Técnica: Facilitadores:
----------------------	--	--

Dia	Horário	Conteúdo Programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Segunda	08:00 às 10:00 h	☞ Abertura	Boas vindas aos participantes	Exposição oral		
		☞ Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		☞ Escolha das equipes de apoio	Indicar equipes de apoio (avaliação, recreação, saúde, recepção...)	Método da cumbuca		
		☞ Retrospectiva do Módulo 3 ☞ Apresentação da semana	Realizar síntese dos conteúdos tratados e resultados alcançados no Módulo 3. Situar participantes no programa da semana e nos objetivos do módulo.	Exposição oral c/visualização móvel		
	10:00 às 11:00 h	☞ Visão sistêmica do planejamento participativo	Apresentar os conceitos de planejamento participativo e suas possíveis aplicações no meio rural Apresentar o enfoque de ciclo DPMA (Diagnóstico, planejamento, monitoramento e avaliação)	Exposição oral c/visualização móvel		
	11:00 às 12:00 h	Enfoque participativo do planejamento	Princípios do planejamento participativo Planejamento estratégico e operacional Passos e preparação do planejamento participativo			
	12:00 às 13:30 h	☉ ALMOÇO ☉				
	13:30 às 14:00 h	☞ Dinâmica de grupo	Energizar o grupo	-		
	14:00 às 16:00 h	☞ Etapas do planejamento participativo	Preparação, implementação, avaliação	Exposição oral com apoio visual		
16:00 às 16:15 h	∩ INTERVALO ∩					

	16:15 às 17:30 h	 Ferramentas	Uso do diagnóstico Matrizes de causas e efeitos Matrizes de priorização	Debate	
--	------------------	---	---	--------	--

Dia	Horário	Conteúdo Programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Terça	08:00 às 08:15 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a condução da capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de Avaliação	
	08:15 às 09:45 h	📁 continuação	Matrizes de possíveis soluções Elaboração de plano estratégico	Exposição oral c/apoio visual		
	09:45 às 10:00 h	∩ INTERVALO ∩				
	10:00 às 12:00 h	📁 Continuação...	Elaboração de plano operacional Elaboração do sistema de monitoramento do planejamento	Exposição oral c/ apoio visual	Delegado do MDA no Estado	
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 14:00 h	•Dinâmica de grupo	Energizar o grupo	-		
	14:00 às 16:00 h	📁 Planejamento de um processo de desenvolvimento na comunidade	Situar o diagnóstico como parte do processo de planejamento e instrumento de elaboração de um plano comunitário	Exposição oral c/apoio visual		
	16:00 às 16:15 h	∩ INTERVALO ∩				
	16:15 às 18:00 h	📁 Continuação...	Identificar e analisar alguns Planos e Programas existentes no estado e como podem ser usados no processo de desenvolvimento.	Trabalho de grupo Plenária		

Dia	Horário	Conteúdo Programático	Objetivo	Técnica	Facilitador
Quarta	08:00 às 08:15 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura	
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a condução da capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de Avaliação
	08:15 às 09:20 h	Organização das equipes de trabalho	Organizar os participantes nos grupos de trabalho	Exposição oral c/visualização móvel	
	09:20 às 09:45 h	•Preparo da reunião de Planejamento com a comunidade	Preparar os conteúdos e forma da reunião com a comunidade	Trabalho de grupo	
	09:45 às 10:00 h	⏏ INTERVALO ⏏			
	10:00 às 12:00 h	•Preparo da reunião de Planejamento com a comunidade	Preparar os conteúdos, forma e ensaio da reunião com a comunidade	Trabalho de grupo	
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒			
	13:30 às 15:45 h	•Continuação..			
	15:45 às 16:00 h	⏏ INTERVALO ⏏			
	16:00 às 18:00 h	📁 Simulação da reunião de planejamento com a comunidade	Revisão crítica dos conteúdos e dinâmica de apresentação	Plenária de apresentação em tempo real	Participantes

Dia	Horário	Conteúdo Programático	Objetivo	Técnica	Facilitador
Quinta	08:00 às 08:20 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura	
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a condução da capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de Avaliação
	08:20 às 10:00 h	📁 Re-preparo da Reunião com a comunidade	Revisar pontos críticos apontados na simulação e ensaio final das equipes de moderação	Trabalho de grupo	
	10:00 às 10:15 h	⏏ INTERVALO ⏏			
	10:15 às 11:30 h	Preparo do material para deslocamento à comunidade de		-	-
	11:30 às 13:00 h	🕒 ALMOÇO 🕒			
	13:00 às 14:00 h	•Deslocamento para a comunidade e preparo do local da reunião		Trabalho de grupo	
	14:00 às 17:00 h	11.Reunião de planejamento e confraternização com a comunidade	Estabelecer processo de planejamento participativo com a comunidade e permitir maior integração com a comunidade	Reunião plenária	Equipe de Moderação
	17:00 às 18:00 h	12.Retorno ao local do curso		-	Participantes

Dia	Horário	Conteúdo Programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Sexta	08:00 às 08:15 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a condução da capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de Avaliação	
	08:15 às 09:45 h	Avaliação da reunião com a comunidade	Avaliar o desempenho e validar o modelo empregado	Plenária		
	09:45 às 10:00 h	Y INTERVALO Y				
	10:00 às 11:30 h	📁 Continuação...				
	11:30 às 13:30 h	🕒 ALMOCO 🕒				
	13:30 às 13:50 h	•Enfoque participativo: uma visão de conjunto	Instrumentalizar o grupo para atuar participativamente	Exposição oral c/visualização móvel		
	13:50 às 14:30 h	•Estratégia de implantação nas Localidades, Municípios e Microrregião	Construir um referencial para a implantação do trabalho nas realidades locais	Trabalho de grupo por microrregião		
	14:30 às 16:00 h	•Avaliação do Módulo 4 •Avaliação do Curso	Avaliar módulo, curso e colher sugestões de melhoria	Visualização móvel Avaliação escrita	Participantes	
16:00 h	📁 Encerramento do Módulo 4		Exposição oral			

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO TÉCNICO SOCIAL
CAPACITAÇÃO INICIAL E EM SERVIÇO**

....., de a de de 2009.

LOGOTIPO da entidade	MÓDULO 5 Aprendizagem e ação participativa – Desenvolvimento econômico com enfoque na sustentabilidade socioambiental	Coordenação Geral: Coordenação Técnica: Facilitadores:
----------------------	--	--

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Segunda	08:30 às 09:30 h	📁 Abertura	Boas vindas aos participantes		Diretoria	
	09:30 às 11:00 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura da mensagem		
	11:00 às 11:30 h	📁 Retrospectiva do módulo 4	Realizar uma síntese dos conteúdos abordados no módulo 4	Exposição oral com visualização móvel		
	11:30 às 12:00 h	📁 Apresentação da semana	Visualizar os objetivos e conteúdos do Módulo 5			
	12:00 às 12:30 h	📁 Escolha das equipes de apoio	Indicar equipes de apoio (avaliação, recreação, saúde,...)			
	12:30 às 14:00 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	14:00 às 15:45	📁 Desenvolvimento econômico com enfoque na sustentabilidade	Apresentar o conceito de desenvolvimento econômico com enfoque na sustentabilidade socioambiental, produtividade ótima e resiliência dos agroecossistemas, geração de renda com equilíbrio ambiental.			
	15:45 às 16:10 h	⚡ INTERVALO ⚡				
	16:10 às 18:00 h	📁 Continuação: Desenvolvimento econômico com enfoque na sustentabilidade	Apresentar os conceito do desenvolvimento econômico com enfoque na sustentabilidade socioambiental, produtividade ótima e resiliência dos agroecossistemas, geração de renda com equilíbrio ambiental	Exposição oral c/visualização móvel		

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Terça	08:00 às 08:20 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de avaliação	
	08:20 às 10:00 h	📁 Conceitos de arranjos produtivos locais, cadeias produtivas e multicadeias	Apresentar os diferentes conceitos	Leitura de um texto referência Exposição oral c/apoio visual Debate em plenária		
	10:00 às 10:15 h	⏸ INTERVALO ⏸				
	10:15 às 12:00 h	Arranjos produtivos locais, cadeias produtivas e multicadeias	Trabalho em Grupo: Identificar quais os principais arranjos produtivos locais, cadeias produtivas e multicadeias existentes no estado			
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 13:45 h	Dinâmica de grupo	Energizar o grupo	-		
	13:45 às 15:45 h	📁 Continuação...	Apresentação em plenária	Exposição oral c/apoio visual		
	15:45 às 16:00 h	⏸ INTERVALO ⏸				
16:00 às 18:00 h	📁 Etapa de análise das cadeias produtivas, arranjos produtivos locais ou multicadeias	Apresentar ferramentas de mapeamento e análise				

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Quarta	08:00 às 08:20 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de avaliação	
	08:20 as 10:00 h	📁 Continuação....	Mapeamento e análise	Trabalho em grupo		
	10:00 às 10:15 h	∩ INTERVALO ∩				
	10:15 às 12:00 h	📁 Continuação...	Trabalho em grupo: mapear e analisar as principais cadeias, arranjos ou multcadeias no estado			
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 13:45 h	📁 Dinâmica de grupo	Energizar o grupo	-		
	13:45 às 15:00 h	📁 Estabelecimento de ações de fomento de cadeias produtivas, arranjos produtivos locais e multcadeias	Apresentar as ferramentas para elaboração de plano de ação de fomento			
	15:00 às 15:15 h	∩ INTERVALO ∩				
	15:15 às 18:00 h	📁 Continuação	Trabalho em grupos: Estabelecer planos de ação de fomentos das principais cadeias produtivas, arranjos produtivos locais e multcadeias			

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador	
Quinta	08:00 às 08:20 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura		
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de avaliação	
	08:20 às 10:00 h	📁 Continuação....	Apresentação em plenária	Exposição oral c/apoio visual		
	10:00 às 10:15 h	∩ INTERVALO ∩				
	10:15 às 12:00 h	📁 Principais cadeias produtivas, arranjos produtivos locais e multcadeias nos Território da Cidadania	Apresentar as principais cadeias, arranjos produtivos locais e multcadeias existentes	Exposição oral		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒				
	13:30 às 15:30 h	📁 Estratégias de desenvolvimento territorial e fomento as cadeias	Aprofundamento do tema			
	15:30 às 15:45 h	∩ INTERVALO ∩				
	15:45 às 17:30 h	técnica dos extensionistas em função das principais cadeias, arranjos produtivos e multcadeias nas suas áreas de atuação	Trabalho em grupo			
	17:30 às 18:00 h	📁 Síntese do dia	Destacar os principais pontos do aprendizado do dia	Feito em plenária com uma pergunta orientadora: quais as principais idéias do dia. Sistematizar no relatório		

Dia	Horário	Conteúdo programático	Objetivo	Técnica	Facilitador
Sexta	08:00 às 08:30 h	📁 Mensagem do dia	Sensibilização e motivação	Leitura	
		📁 Avaliação do dia anterior	Balizar a capacitação	Exposição oral c/visualização móvel	Equipe de avaliação
	08:30 às 10:00 h	📁 Apresentação em plenária	Resultado das prioridades de capacitação técnica	Apresentação dos grupos	
	10:00 às 10:15 h	⏸ INTERVALO ⏸			
	10:15 às 12:00 h	📁 Sistematização das demandas de capacitação e estabelecimento de cronograma e atividades para realização do módulo 6 e demais (capacitação técnica)	Elaboração conjunta do plano de capacitação técnica		
	12:00 às 13:30 h	🕒 ALMOÇO 🕒			
	13:30 às 16:00 h	📁 Continuação do tema			
	16:00 às 17:30 h	📁 Avaliação da semana e definição dos próximos passos	Síntese da semana	Exposição oral e visualização	
	17:30 às 18:00 h	📁 Encerramento do módulo			